

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO-UFMT
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

CRISTIANO ANTONIO DOS REIS

PRIMO LEVI: POR UMA VIDA NÃO FASCISTA

CUIABÁ-MT
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO-UFMT
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

CRISTIANO ANTONIO DOS REIS

PRIMO LEVI: POR UMA VIDA NÃO FASCISTA

CUIABÁ-MT
2010

CRISTIANO ANTONIO DOS REIS

PRIMO LEVI: POR UMA VIDA NÃO FASCISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na Área de Concentração Estudos Interdisciplinares de Cultura, Linha de Pesquisa Epistemes Contemporâneas.

Orientadora: Prof:(a). Dr. (a). Ludmila Brandão

CUIABÁ-MT
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

R375p Reis, Cristiano Antonio dos.

Primo Levi: por uma vida não fascista / Cristiano Antonio dos Reis, 2010.

70f. ; il. color. ; 30 cm (incluem figuras)

Orientadora: Ludmila Brandão.

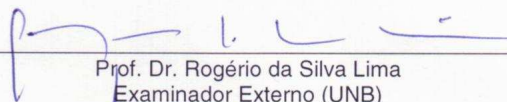
Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagens. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, 2010.

Catálogo na fonte: Maurício S. de Oliveira - Bibliotecário CRB/1 1860



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
CULTURA CONTEMPORÂNEA – MESTRADO – ECCO/UFMT

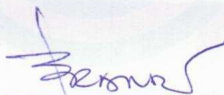
DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA



Prof. Dr. Rogério da Silva Lima
Examinador Externo (UNB)



Prof. Dr. Osvaldo Machado Filho
Examinador Interno (ECCO/UFMT)



Prof.ª Dr.ª Ludmila de Lima Brandão
Orientadora (ECCO/UFMT)

Cuiabá, 29 de outubro de 2010

Agradecimentos

Nessa trajetória acadêmica agradeço aos meus amigos, irmãos que me adotaram no mundo em especial a Josi, a Maristela, a Jeane, a Anderson Barbosa, a Alcimar e aos demais companheiros da Escola Estadual Vale do Guaporé e Escola Estadual Estevão Alves.

Agradeço também aos meus colegas do mestrado do ECCO, que com sua amizade intelectual e fraterna souberam praticar crítica criativa.

Agradeço aos meus professores do ECCO, principalmente, o professor Yuji Gushiken cuja leitura e aulas sempre audaciosas me ajudaram a dar uma nova guinada no trabalho e a professora Ludmila Brandão pela coragem e estímulo que tem me dado no decorrer desse curso, sabendo fazer críticas importantes ao trabalho com elegância intelectual.

Resumo

O presente trabalho busca pensar os fascismos trans-históricos, que nos atingem, inclusive em meio às práticas culturais. Esse percurso terá como ponto de apoio a obra “Os Afogados e os Sobreviventes” do escritor italiano Primo Levi, diagnosticando neste, uma escrita-denúncia, que se afirma na linguagem contra as formas mesquinhas de aprisionamento da vida (vida-nua) produzidas nas relações de biopoder, no caso, a experiência-limite de Auschwitz.

Palavras-chave: Escrita, Resistência, Auschwitz, Biopoder, Vida-nua

ABSTRACT

The present work aims at thinking about the trans-historical fascisms which reach us, even among the cultural practices. That route will have as a supporting point the book “The Drowned and the Saved” written by the Italian author Primo Levi, in which he diagnoses an accusation-writing that is affirmed in the language against the mean forms of imprisonment of life (bare life) produced in the biopower relationships, in this case, Auschwitz limiting experience.

Key words: Writing, Resistance, Auschwitz, Biopower, Bare Life

Sumário:

Introdução:	1
Capítulo 1: Testemunho da Resistência: Primo Levi e a Coragem da Verdade	16
O Biopoder e a Vida Nua	17
Os Muçulmanos	25
Capítulo 2: Conjurando a Vergonha: Escrita e Potência em Primo Levi	32
A Zona Cinzenta	33
Conjurando a Vergonha	44
Capítulo 3: Uma vida indigna de ser vivida	52
Considerações Finais	61
Bibliografia	68

Introdução

É difícil ter um começo, se lançar na ordem arriscada do discurso e proferir palavras, frases, idéias. É como se tivesse muitas coisas para dizer, e realmente tenho, mas sou esmagado pela grandiosidade do tema que pretendo trabalhar.

O que vocês verão aqui é uma gagueira, um rastejar, um sopro inaudito na linguagem para tentar pelo menos estabelecer a posição de onde falo e aonde pretendo chegar, ao me lançar nesse fluxo da escrita e da vida. Lembrando como Deleuze que:

(...) Escrever é fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relação de corrente, contra-corrente, de redemoinho com outros fluxos, fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de dinheiro, de política, etc. Como Bloom, escrever na areia com uma mão, masturbando-se com a outra - dois fluxos, em que relação? Nós, o nosso fora (...)¹

O presente trabalho é pensado um pouco nessa relação entre a escrita e o nosso fora, pois ela nos permite uma espécie de abertura de mundo, de pensamento e de vida quando tudo isso parece ser afogado nas violências cotidianas de maneira sutil e imperceptível.

Escrever é realmente um fluxo e a escrita de Primo Levi nos permite lançar uma problemática sobre os fascismos, e não somente o fascismo histórico de Mussolini na Itália, ou o nazismo alemão, ou ainda o stalinismo soviético, mas fascismos no plural, entendido como práticas, ações, idéias, voltadas ao rebaixamento, aviltamento, da condição humana².

Como adentrar no universo esponjoso e intrincado dos fascismos? Que tipo de agenciamentos elaboram? Que relações de assujeitamentos³ criam? E como resistir a

¹DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992, p.17.

² Nesse sentido, é interessante a série de análises sobre a filosofia de Michel Foucault proposta no V Colóquio Internacional que levava o título Para uma vida não fascista, da qual resultou o livro do mesmo nome. Ali estavam importantes idéias sobre o famoso prefácio que Foucault havia escrito para a edição norte-americana do livro O Anti-Édipo de Gilles Deleuze e Félix Guattari diagnosticando possíveis fascismos atuais em nossa sociedade, em nossa democracia e no nosso sistema de pensamento e possibilidades de ação e resistência. Ver: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Para uma Vida não Fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (col. Estudos Foucaultianos).

³ Aqui atemos ao conceito de assujeitamento como produção de subjetividade, ou de constituição de sujeitos. As formas de assujeitamento pode se manifestar como o poder exercido de outros sobre nós garantindo uma submissão ou ao contrário uma liberdade quando se trata do poder exercido de nós para

esses fascismos? Diante dessas indagações, é que Primo Levi, nos dá uma importante contribuição, a de resistir contra as formas de fascismos que nos enfraquecem, que nos domina, que age meticulosamente nas nossas idéias e nos nossos atos.⁴

Primo Levi nasceu na cidade italiana de Turim. A sua família se constituiu de judeus piemonteses vindos da Espanha e da Provença. Em 1934 matricula-se no Ginásio-Liceu D'Azeglio, instituição esta que ficou conhecida por ter abrigado professores ilustres que faziam oposição ao regime fascista (Augusto Cosmo, Zino Zini, Norberto Bobbio etc.). No ginásio, Levi é um estudante dedicado de química e biologia.

Após a conclusão do ensino secundário, Levi matricula-se no curso de química na Faculdade de Ciências de Turim em 1937 e logo após, em 1938, o governo fascista impõe as primeiras leis raciais: impede que os judeus frequentem as escolas públicas, mas permite terminar os estudos a quem já está matriculado na universidade. Dessa forma, quando Levi se forma em 1941, o seu diploma traz a menção: “de raça judia.”

Em 1943 o governo fascista de Mussolini cai e ele é preso. Nesse momento, Levi atua na rede de contatos entre os partidos do futuro Comitê de Libertação Nacional (CLN) enquanto os alemães ocupam o norte e o centro da Itália. Diante de tal situação Levi se une a um grupo resistente que atua no Vale d'Aosta, onde será preso juntamente com dois companheiros.

Em pouco tempo é transferido do campo de Fòssoli para Auschwitz. Esse período vai ser o mais difícil de Levi, pois se trata da incorporação das leis violentas do Campo de Auschwitz rompendo qualquer ligação com família, estado, amizade etc., proporcionada pelas viagens dos trens, além das orgias das violências físicas e psíquicas das quais seriam alvos.

Em 1945, chegando ao término da Guerra, Levi permanece em Katowice, num campo de triagem soviética, onde trabalha como enfermeiro e em junho dá início a uma

conosco conceitos estes presentes em toda a obra de Foucault, principalmente em *Vigiar e Punir* e os três volumes da história da sexualidade. Ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987; FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, v.1: A vontade de Saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988; FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vol. II: Os usos dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984; FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vol. III: Os cuidados de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

⁴ Ver LEVI, Primo. *A Tabela Periódica*. Trad. Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

viagem de repatriamento que se prolongará até outubro (tal viagem é descrita na sua obra *A Trégua*).

Levi, depois de deixar várias obras publicadas⁵ entre contos, romances e seus escritos sobre os Campos de Concentração, morre em 11 de abril de 1987, quando cai de uma escada, motivo pelo qual gera a polêmica de um possível suicídio.

A questão é que a escrita deixada por Levi nos lança contra os fascismos que ele experimentou e nos convida a conjurar o perigo de sermos seduzidos por ele, manchado, maculado por idéias que nos fazem amar o poder.

É nesse contexto sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que atenta para o surgimento dos movimentos totalitários na Europa de que são exemplos inequívocos o nazismo alemão, o fascismo italiano e o stalinismo soviético⁶ é que Levi traça em seus escritos as violências aí exercidas.

Tanto o nazismo alemão quanto o fascismo italiano e o stalinismo soviético, cada um a seu modo, estabeleceu, ao nível da minúcia, estratégias de rebaixamento da vida através de um racismo de Estado que, segundo o filósofo Michel Foucault⁷, irá justificar o extermínio sistemático de milhares de pessoas, pois se combatia o inimigo de guerra e a raça infecta a ser exterminada.

O nazismo, por exemplo, tinha uma maquinaria complexa que envolvia tanto a destruição sistemática dos “outros”, a alteridade a ser extinta, como os judeus, quanto à validação de uma suposta cultura superior através de diversos dispositivos como o foram às produções cinematográficas. Tratava-se de uma estetização da política que fazia do líder e de seu discurso um espetáculo.

(...) Cada acontecimento era preparado minuciosamente pelo próprio Hitler. Cada entrada em cena, a marcha dos grupos, os lugares dos convidados de honra, a decoração geral, flores, bandeiras, tudo era previsto. Aos poucos, a forma foi sendo definida, e os acontecimentos ganharam sentido de um ritual religioso- um ofício – que se manteve imutável em sua forma. Florestas de bandeiras, jogos de archotes, a

⁵ Ver LEVI, Primo. *A Tabela Periódica*. Op.cit.; LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998; LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁶ Sobre esse tema ver: ARENDT, Hannah. *As Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁷ Ver: FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

multidão disposta disciplinadamente, a música envolvente, os canhões de luz. Os espetáculos eram preferencialmente noturnos, e neles Speer dispunha os projetores de defesa antiaérea, de modo obter efeitos expressionistas, fosse aumentando a dimensão física dos monumentos, fosse para dar aos símbolos uma força mais que natural.⁸ (...)

“O Triunfo da Vontade”, filme de Leni Riefenstahl, materializa esse dispositivo do nazismo, através das quais os alemães de então foram maculados, manchados, e em seu nome, estabeleceram compromissos vergonhosos, compromissos que adquiriam feições distintas, ao ponto de os próprios alemães, ou sua grande maioria, terem efetivamente endossado o nazismo.

(...) Nas primeiras seqüências de O Triunfo da Vontade, Hitler chega de avião como um esperado Messias. O bimotor plaina sobre as nuvens que se abrem à medida que ele desce sobre a cidade. A propósito dessa cena, a cineasta escreveria: O sol desapareceu atrás das nuvens. Mas quando o Führer chega, os raios de sol cortam o céu, o céu hitleriano. Pelas imagens mágicas e aliantes de Riefenstahl, o Führer se porta como um demagogo/pedagogo que, feliz, conduz as massas para onde desejar. Atua como um homem sagrado, ao cruzar os braços sobre o peito. Ele consegue condicionar os reflexos da multidão: se pede aplausos, ela os dá; se pede que ela cesse os aplausos, ela cede; se ela interrompe suas palavras com aplausos, um brilho se estampa em seus olhos e Hitler sorri para si mesmo, cheio de satisfação. (...) ⁹

Na política nazista (e não somente nela) a estetização da política através do culto à personalidade do líder, que alçava a modelo os traços arianos de uma população e depreciava aqueles tidos como impuros de outros povos, encontrou no cinema, no teatro, na propaganda os dispositivos eficientes para a difusão e o reforço de idéias e preconceitos já existentes antes do nazismo¹⁰, que agora, passam a ser cada vez mais fortes.

(...) As massas devem ser conquistadas por meio da propaganda (...) quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para

⁸LENHARO, Alcir. *Nazismo: O triunfo da vontade*. São Paulo: Ática,1990, pp. 40-1.

⁹LENHARO, Alcir. *Op. cit.*pp. 60-1.

¹⁰Ver: ARENDT, Hannah. *Op.cit.*

assustar o povo [que só é feita nos estágios iniciais, quando ainda existe oposição política], mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias.¹¹

A estratégia de enaltecimento do líder, de construção de uma imagem mítica, resultava na preparação minuciosa de toda cerimônia que transformava o discurso de Hitler no momento de tal natureza solene, envolvente, eficaz, que criava um agenciamento coletivo do desejo de poder, de afirmação categórica do nazismo que, por isso mesmo (entre outras razões), se sustentou e se expandiu pelas leis e com adesão das massas.

(...) É preciso aceitar ouvir o grito de Reich: não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo em tal momento! Há investimentos de desejo que modelam o poder e o difundem (...)¹²

Diante dessa situação, do investimento político do desejo que modelou e difundiu o nazismo e suas teias capilares de poder é que se encontra Primo Levi: químico italiano nascido na cidade de Turim, detido pela milícia fascista em dezembro de 1943, quando atuava na organização de um grupo de guerrilheiros ligado ao movimento Giustizia e Libertà e deportado para Auschwitz em 1944¹³.

Essa experiência de luta contra os fascismos pode ser vista até mesmo em seu romance autobiográfico, “A Tabela Periódica”, quando critica a arrogância da pureza da raça no capítulo chamado Zinco:

(...) O zinco, tão terno, delicado e dócil diante dos ácidos, que o corroem imediatamente, comporta-se porém de modo muito diferente quando é muito puro: então resiste obstinadamente ao ataque. Daí se podia extrair duas conseqüências filosóficas contrastantes: o elogio da pureza, que protege contra o mal como uma couraça; o elogio da impureza, que propicia as mudanças, isto é, a vida. Descartei a primeira, desagradavelmente moralista, e me detive na consideração da segunda, que me era mais afim. Para que a roda gire, para que a vida viva são necessárias as impurezas, e as impurezas das impurezas: mesmo com a terra, como se sabe, se se quiser que seja fértil. É preciso o dissenso, o diverso, o grão de sal e de mostarda: o fascismo não os quer, os proíbe, é por isso não és fascista; quer todos iguais e

¹¹ARENDR, Hannah. *Op.cit.*p.390.

¹²DELEUZE, Gilles e FOUCAULT, Michel. *Os Intelectuais e o Poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*. Vol. IV. Trad.Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 45.

¹³Ver:LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

não és igual... porque sou a impureza que faz reagir o zinco, sou o grão de sal e de mostarda. A impureza, certamente: porque justamente naqueles meses se iniciava a publicação de *A Defesa da Raça*, de pureza se falava muito, e eu começava a ficar orgulhoso de ser impuro.¹⁴

Tratava-se, pois, de um combate aos fascismos que fazem o elogio do puro, imaculado, igual, ao purismo arrogante que criava a atmosfera sombria de exercício de poder, do terrorismo psíquico e corporal infligido às pessoas que escapavam ao modelo. No caso de Levi, isso suscitou resistência, no sentido de uma afirmação da diferença e elogio da impureza¹⁵.

Além disso, Levi descreve de maneira crítica sobre a dimensão das violências que eram praticadas no Campo de Concentração e mostra como se organizavam segundo uma estrutura arquitetônica complexa, com leis específicas, na qual roubar não era uma exceção, mas regra. Nele funcionava uma hierarquia ininterrupta que ia desde oficiais da SS até a classificação dos prisioneiros (prisioneiro político; prisioneiro de guerra; prisioneiro judeu), cada qual com um número de inscrição, espécie de número de série que visava à administração das várias atividades do campo, desde os trabalhos forçados até a distribuição da sopa¹⁶.

Levi diz que eram vários os “rituais de iniciação” pelos quais passavam os prisioneiros: chutes, socos, tapas, ofensas verbais, todos a serem aceitos sem reação, pois qualquer reação significava morte. Para sobreviver era preciso saber quais serviços deveriam ser evitados, com quem buscar alianças, aproveitar o máximo de uma refeição – o que significava lambe bem a colher e evitar a parte superficial da sopa, menos nutritiva, que ficava para os primeiros da fila. Era preciso, também, quando frequentasse a “Ka be” (a enfermagem) estar atento para não ser roubado e ser o último a encher o tonel de urinas, pois pela lei do campo, o “último” deveria esvaziá-lo, lembrando-se que o “último” não era necessariamente o último, pois havia aqueles que nunca o

¹⁴ LEVI, Primo. *A Tabela Periódica*. Trad. Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, pp.39-41.

¹⁵ Afirmação da diferença e elogio da impureza aqui são vistos como manifestações de liberdade, numa terminologia deleuzeana, linha de fuga por meio da escrita contra o autoritarismo nazista. Ver: DELEUZE, Gilles e GATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 03. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

¹⁶Ver:LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

esvaziariam em função de favores pessoais dentro do campo¹⁷.

Essa maquinaria do poder em funcionamento no universo nazista convoca-nos ao compromisso de um olhar sobre nós mesmos a uma problematização que nos inclua nesse mundo do qual fazemos parte e que, por vezes, parece termos sido destituídos, que nos desapossaram dele, para servir o propósito de um poder arborescente¹⁸.

Para dobrar esse poder, exige-se atitude, coragem, compromisso¹⁹ que se percebe em Levi e que nos prende à atualidade como se o pensamento fascista ainda nos rondasse, nos espreitasse, e nos atingisse de outras maneiras distintas, mesmo longe no tempo/espaço da experiência-limite dos campos de concentração.

O receio do qual falava a pouco, de se lançar na ordem arriscada do discurso, Foucault já havia esboçado em sua aula monumental no College de France²⁰ na qual dizia que havia uma espécie de ordem, de ritual que controlava o emaranhado do discurso, mas, ao mesmo tempo, o discurso deixou de ser um meio pelo qual as lutas são expressas para se tornar o objeto pelo que se luta: o poder que queremos apoderar, ou seja, a “coragem da verdade”, conceito que ele só irá aperfeiçoar nos seus últimos cursos em 1983-1984 no mesmo College de France.

O que gostaria de trazer é justamente essa coragem da verdade (parrhesia)²¹ que encontramos no falar franco de um químico que se tornou escritor após ter sobrevivido a experiência-limite dos campos de concentração nazista, mais especificamente, o campo de Auschwitz, a mais famosa indústria de destruição sistemática de judeus.

¹⁷Ver: LEVI, Primo. *Op.cit.*

¹⁸ Aqui remeto a idéia de poder que tenta despotencializar, paralisar e fixar idéias, ações, instituindo padrões fixos de existência e instaurando uma identidade estanque. O exemplo-limite talvez seja o modelo ariano que os alemães tentaram impor. Contra isso há o rizoma, num conceito de Deleuze-Guattari, que busca justamente se disseminar e propagar a diferença, as relações rizomáticas podem brotar em qualquer ponto sem um lugar pré-estabelecido. Ver: *Introdução: Rizoma*. In: DELEUZE, Gilles e GATTARI, Félix. *Mil Platôs, v. 01*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

¹⁹ Esses conceitos de coragem, atitude, compromisso foram desenvolvidos nas últimas obras de Foucault sobre a História da Sexualidade e nos seus últimos cursos no College de France sobre o tema da estética da existência desenvolvida a partir dos estudos sobre a cultura greco-romana. Ver: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vol. II: Os usos dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984; FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vol. III: Os cuidados de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984; FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. - 2ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp.588-9.

²⁰Ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

²¹ Ver: GROS, Frédéric. *A Parrhesia em Foucault (1982-1984)*. In: *Foucault: a Coragem da Verdade*. Frédéric Gros (org.). Trad. Marcos Marcionilo; prefácio de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

O aviltamento da condição humana impôs a Levi, como necessidade, uma escrita que respondesse às formas mesquinhas do pensamento majoritário, da violência física e psíquica às quais foram submetidos, ele e seus companheiros de Campo. Tratou-se, ao contrário do alívio que a grande maioria encontra no esquecimento, ou nas verdades compensatórias, de afirmar na linguagem as coisas grandes demais, irrespiráveis, insuportáveis, que viu e experimentou.

Nesse sentido, a sobriedade de Levi é muito importante, pois mostra uma coragem de se arriscar na linguagem para denunciar o rebaixamento da vida, visto que diante do que ele viveu e experimentou era comum que todos os alemães, ou melhor, uma grande parte deles se recusasse a aceitar que fizeram parte dessa maquinaria nazista, que compactuaram e que estabeleceram compromissos vergonhosos com o sistema, ao ponto de alguns industriais se beneficiarem da mão-de-obra gratuita e sempre renovada dos campos.

Toda essa maquinaria em funcionamento não deveria suscitar, pelo menos, dúvidas? Como se obtêm mão-de-obra gratuita todos os dias e com pessoas diferentes? Para que tanto ácido cianídrico (visto que sua função é matar ratos)? O que eram todas aquelas cinzas que se acumularam dos fornos crematórios?

Essas questões trazidas por Levi pareciam ecoar no silêncio, não encontrando aliados capazes de dar crédito àquilo que eles, os judeus, experimentaram nos campos de concentração. Tratava-se, portanto, da evidência de como o aparelho de captura nazista havia introduzido, em grande parte da população alemã, e também em muitos libertos, o silêncio.

(...) Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape o mundo não lhe dará crédito.²²

Ou seja, foi à manifestação de um pensamento autoritário, de um nacionalismo e um purismo arrogante capaz de manipular as massas que permitiu a ascensão dos movimentos totalitários, mas aí é preciso fazer ainda uma ressalva: será que todos os alemães de então aceitaram o nazismo? Será que todos compactuaram com essa

²²LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.p.1.

máquina perversa de aniquilamento do homem? Será que todos foram culpados pelo nazismo?

(...) Certamente não há razão para não acreditar que não podemos mais pensar depois de Auschwitz, e que somos todos responsáveis pelo nazismo, numa culpabilidade malsã que, aliás, só afetaria as vítimas. Primo Levi diz: não nos obrigarão a tomar as vítimas por algozes. Mas que o nazismo e os campos nos inspiram, diz ele, é bem mais ou bem menos: a vergonha de ser homem (porque mesmo os sobreviventes precisaram compactuar se comprometer...). Não são somente nossos Estados, é cada um de nós, cada democrata, que se acha não responsável pelo nazismo, mas maculado por ele. (...) ²³

Essas questões atingem a Levi de tal maneira que o faz dirigir-se ao povo alemão através da publicação de “É Isto um Homem?” e do capítulo “Cartas aos Alemães” de seu último livro, “Os Afogados e os Sobreviventes”, com a disposição de ouvir aos seus possíveis algozes, num face a face corajoso em busca de explicações para sua incompreensão generalizada.

Levi rejeita a idéia de que todos os alemães sejam culpabilizados pelo nazismo, pois mesmo diante de todo esse aparelho de captura nazista, houve entre eles, quem escondesse judeus em suas casas, nas adegas, nas indústrias etc., correndo riscos de serem gravemente punidos por essa ousadia solidária de ajudar um ser humano. Mas, esses casos eram exceções.

(...) Quem abrigava ou mesmo só ajudava um judeu corria o risco de punições terríveis: e a esse propósito é justo recordar que alguns milhares de judeus sobreviveram durante todo o período hitleriano, na Alemanha e na Polônia, escondidos em conventos, em adegas, em sótãos, por obra de cidadãos corajosos, misericordiosos e, sobretudo, bastante inteligentes para conservar durante anos a discrição mais estrita. (...) ²⁴

A complexa relação estabelecida dentro e fora dos Campos de Concentração colocava-se Levi, poderia ser julgada? Como julgar os alemães de modo geral? Como julgar os judeus maculados pelo nazismo? Como julgar os funcionários alemães? Como

²³DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p.138

²⁴LEVI, Primo. *Op. Cit.*, p.94.

julgar esse universo labiríntico do nazismo? Pois as redes de violência e de solidariedade poderia se estender por onde menos se esperava.

Assim num contexto pós-guerra há o perigo de outras práticas igualmente fascistas, ainda que discretas, serem produzidas. Levi já alertava isso, pois:

(...) Da violência nasce tão somente a violência, num movimento pendular que se exacerba com o tempo, ao invés de se apaciar. Com efeito, muitos sinais, fazem pensar numa genealogia da violência atual que lança raízes justamente naquela dominante na Alemanha de Hitler. Decerto, não estavam ausente, antes no passado remoto e recente: todavia, inclusive em meio ao massacre insensato da Primeira Guerra Mundial, sobreviveram os traços de um respeito recíproco entre os contendores, um vestígio de humanidade para com os prisioneiros e os cidadãos inermes, um respeito tendencial aos acordos: um religioso diria- um certo temor a Deus. O adversário não era um demônio nem um verme. Depois do Got mit uns [Deus está conosco] nazista tudo mudou...A destruição de um povo e de uma civilização se revelou possível e desejável, tanto em si mesma como instrumentos de dominação (...)²⁵

Era, portanto, desse jogo das violências cotidianas, que emanavam práticas fascistas de produção de assujeitamentos e exercícios de poder mostrando que o homem era a peça imanente que produzia os horrores perpetrados pelo nazismo, justificando a destruição sistemática de um povo.

Para esta reflexão, visitamos conceitos de diferentes pensadores como Agamben, Foucault e Deleuze que, por mais diferentes que sejam convergem no ponto fundamental da problematização da vida, seja enquanto potência afirmadora seja como força assujeitada.

Os conceitos de vida nua e Estado de Exceção foram desenvolvidos por Agamben. Para o autor, a vida nua era a condição de sobrevivência a que algumas pessoas chegam mantendo somente as funções biológicas do corpo como nutrição e hidratação, ou seja, trata-se de uma vida fisiológica. A vida nua, na situação que descrevo em Primo Levi, foi produzida nas relações de biopoder, um poder que busca aprisionar a vida, cujo paroxismo se manifesta nos campos de concentração na figura do “muçulmano”.

²⁵LEVI, Primo. *Op. Cit.*, p.124-5.

Esse biopoder só pode se manifestar em sua amplitude quando o Terceiro Reich instaura o Estado de Exceção, que na Alemanha nazista é o seu ápice.

É nessa tensão que a problematização dos fascismos que busco diagnosticar no mundo contemporâneo, parte de uma frequentação teórica-metodológica a esses pensadores, principalmente naquilo em que cada um problematiza a vida, e daí então estabelecendo cruzamentos entre eles.

Assim, conceitos como biopoder de Foucault, vida-nua de Agamben, e linhas de fuga de Deleuze e Guattari nos ajudam a lidar com a escrita emblemática de Primo Levi, para tentar dar conta das relações estabelecidas nos campos de concentração nazista (biopoder e vida nua), num Estado de Exceção²⁶, descritas por Levi (micropolítica do cotidiano) e, ao mesmo tempo, diagnosticar fascismos atuais, ou ao menos alguns indícios, tomando a escrita, como aquela de Primo Levi, como prática de liberdade que traça linhas de fuga contra as formas mesquinhas do pensamento, em qualquer tempo e lugar.

Com esse objetivo, nosso percurso metodológico se inicia com as reflexões de Michel Foucault, especialmente aquelas que alguns pesquisadores do filósofo chamam de “ética”²⁷, demarcando uma fase do pensador comprometido com uma arqueologia do saber, mais preocupado em descrever as circunstâncias do surgimento de determinadas epistemes. Na segunda fase, Foucault se apresenta mais preocupado com as relações de poder que tais saberes produzem enquanto na última fase, encontramos o Foucault que problematiza o estatuto da liberdade a partir de um cuidado de si, através das reflexões sobre os greco-romanos dos primeiros séculos da era cristã. É certo que esta fase não exclui as reflexões anteriores, mas de certa forma as atravessa, de modo que há relação entre saber e poder, mas, ao invés de nos trazer uma submissão, essa nova fase vislumbra práticas de liberdade contra as forças que nos tenta subjugar, garantindo assim uma soberania de si por si mesmo.

²⁶ Vale lembrar que Agamben faz uma breve história e distinção entre lei marcial, estado de sítio, estado de emergência e, por fim, Estado de Exceção, de modo que todas as categorias concorrem para a garantia temporária da suspensão das leis estabelecidas na Constituição, quando a ordem fosse ameaçada. Ver: AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004.

²⁷ Apesar da difícil sistematização da obra de Michel Foucault, do ponto de vista cronológico e metodológico, essa tem sido a diferenciação das fases do pensamento foucaultiano mais utilizada por seus pesquisadores. Ver: RAGO, Margareth, VEIGA-NETO, Alfredo, ORLANDI, Luiz. B. (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Assim tomarei a obra “Os Afogados e os Sobreviventes” como uma materialidade discursiva, expressa numa escrita singular que lança para a superfície os saberes e práticas exercidas nos Campos de Concentração, diagnosticando as formas de fascismos que ainda ressoam em nossas práticas cotidianas.

Escreve-se para a atualidade e o atual exige afirmação. Afirmação de vida, de uma pluralidade, de criação de novos mundos e nele habitar contra tudo o que se vê de políticas de uniformização, padronização, autenticadas em discursos valorizadores de cultura, de identidades culturais, que validam umas e invalidam outras, disseminando racismos velados (de cultura), que nos subjagam e esmagam, com as quais estabelecemos pactos vergonhosos, vulgares, mesmo na democracia.

(...) E a vergonha de ser um homem, nós não a experimentamos somente nas situações extremas descritas por Primo Levi, mas nas condições insignificantes, ante a baixeza e a vulgaridade da existência que impregnam as democracias, ante a propagação desses modos de existência e de pensamento-para-o-mercado, ante os valores, os ideais e as opiniões de nossa época. A ignomínia das possibilidades de vida que nos são oferecidas aparece de dentro. Não nos sentimos fora de nossa época, ao contrário, não cessamos de estabelecer com ela compromissos vergonhosos. Este sentimento de vergonha é um dos mais poderosos motivos da filosofia. (...) ²⁸

É certo que atualidade é algo em que estamos nos tornando, por isso exige um cuidado, uma ética, uma atitude, um compromisso, uma relação afetiva e solidária com o mundo e com as pessoas, numa dimensão ontológica da atualidade conforme Foucault havia percebido em Kant.

(...) É preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um ethos, uma vida filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível. ²⁹ (...)

A escrita de Levi treina nossos sentidos para percebermos os fascismos que imperam – velhos e novos –, ao mesmo tempo em que nos apresenta a situação-limite

²⁸DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Op.cit.* p.140.

²⁹FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos. Vol. II.* Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.351.

que nos constitui: seja o imperialismo que mudou o centro da Europa para os Estados Unidos e depois se converte em Império, na formulação de Antonio Negri e Michael Hardt, seja nas formas neo-colonialistas que assumiram os discursos discriminatórios e as práticas desqualificadoras nos países de herança colonial, seja no cotidiano da vida familiar, comunitária, profissional, afetiva, nas formas violentas de redução e rebaixamento da vida que se instaura onde menos se espera, ou melhor, nos lugares em que supúnhamos havê-las exterminado completamente.

A vida nua – “o homo sacer” – não acabou e vemos formas atuais disso com outras violências inerentes, como entre os prisioneiros na base naval de Guantánamo ou entre os pacientes em estado vegetativo num hospital. Em ambos os exemplos, entre outros tantos, a vida foi igualmente esvaziada de seu estilo, de sua forma, de sua qualidade potente passando de “bíos” para “zoé”, conforme terminologia de Agamben.

“Os Afogados e os Sobreviventes” de Primo Levi é aqui tratado como um livro-escândalo, uma escrita intempestiva que produz e renova a inquietação por um mundo libertário. O livro que grita, range e que corre como um animal em estepes à procura de alimento, ferocidade limite que deixa um rastro inapagável de sua existência, de sua presença exuberante e potente.

(...) O povo é interior ao pensador, porque é um “devir povo”, na medida em que um pensador é interior ao povo, como devir não menos ilimitado. O artista e o filósofo são bem capazes de criar um povo, só podem invocá-lo, com todas as suas forças. Um povo só pode ser criado em sofrimentos abomináveis, e tampouco pode cuidar de arte ou filosofia. Mas os livros de filosofia e as obras de arte contêm também sua soma inimaginável de sofrimento, que faz pressentir o advento de um povo. Eles têm em comum resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente (...) ³⁰

Um livro que se compõe como um devir contra as formas majoritárias do pensamento e conjura a vergonha de ser homem, de ter sido maculado por uma vulgaridade do pensamento e da ação, que nos exclui do mundo e que nos lança para fora com toda a violência destituindo a nossa potência por meio da efetivação de afetos tristes. Assim:

³⁰DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia? Percepto, Afecto, Conceito*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.p.142.

(...) Não nos falta comunicação, ao contrário nós temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente. A criação de conceitos faz apelo por si mesmo a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda. A europeização não constitui um devir, constitui somente a história do capitalismo que impede o devir dos povos sujeitados. A arte e a filosofia juntam-se nesse ponto, a constituição de uma terra e de um povo ausentes, como correlato da criação. Não são autores populistas, mas os mais aristocráticos que exigem esse porvir. Esse povo e essa terra não serão reencontrados em nossas democracias. As democracias são maiorias, mas um devir é por natureza o que se subtrai à maioria. (...) ³¹

A trama deste trabalho parte de uma análise discursiva da obra “Os Afogados e os Sobreviventes” de Primo Levi, que delimita historicamente os fascismos que de certa forma nos modelaram, mas que abre para um universo, para um mundo na qual se possa acreditar.

O primeiro capítulo busca diagnosticar, através dos relatos do Campo de Concentração de Auschwitz do químico e escritor italiano Primo Levi, o rebaixamento da vida, a sua condição meramente biológica, à vida destituída de sua vibratibilidade, de sua potência, à vida nua de que falava Agamben produzida pelas malhas do biopoder.

No segundo capítulo atemo-nos à escrita da resistência em Levi que fala em lugar de um povo minoritário, um povo que falta, dos que foram esmagados pelo universo concentracionário, para conjurar a vergonha e responder ao intolerável.

Levi nos ajuda a pensar os fascismos trans-históricos que ressoam em nosso mundo contemporâneo com sutilezas próprias, estratégias discretas, e toda uma maquinaria móvel que acusa sua manifestação onde menos se espera, sob feições inocentes, naturais, triviais demais para serem notadas como os casos de eutanásia, por exemplo, trabalhada no capítulo três.

O pensamento de Levi nos prepara para esse enfrentamento. Sua escrita de resistência funciona como um rangido, um grito a procura de aliados contra a desertificação da vida, dos laços de solidariedade, que cabe a cada um de nós cultivarmos. Sua escrita é para e por um povo minoritário, cujas vozes foram silenciadas, cuja potência foi minada, a audácia domada, e o amor próprio extinto.

³¹DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Op.cit.*pp.140-1.

A escrita de Levi é nosso guia e o convite é o mesmo feito por Foucault para uma Vida não Fascista:

(...) E não apenas o fascismo histórico de Hitler e Mussoline – que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas – mas também, o fascismo que esta em todos nós, que assombra nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e nos explora.³²

³² FOUCAULT, Michel. Introdução a uma vida não Fascista. Prefácio a edição norte-americana do Anti-Édipo.

Capítulo 1

Testemunho da Resistência: Primo Levi e a Coragem da Verdade

Na entrada do campo de Auschwitz uma frase atormentava muito a Levi: “arbeit macht frei”, ou “o trabalho liberta”. Mas por que o atormentava? Pelo que o regime nazista havia feito do trabalho: uma atividade não remunerada e sem nenhum sentido, da qual muitos industriais de então se beneficiaram.

(...) Especialmente nos últimos anos de guerra, os Lagers constituíam um sistema extenso; complexo e profundamente entrelaçado com a vida cotidiana do país; falou-se com razão de “univers concentrationnaire”, [grifos do autor] mas não era um universo fechado. Sociedades industriais grandes e pequenas, empresas agrícolas, fábricas de armamentos obtinham lucro da mão-de-obra quase gratuita fornecida pelos campos. Algumas exploravam os prisioneiros sem piedade, aceitando o princípio desumano [...] dos SS, segundo o qual um prisioneiro valia por outro e, se morresse de cansaço, podia ser imediatamente substituído; outras, poucas, tentavam cautelosamente atenuar-lhes as penas (...) ³³.

Tratava-se de impor um controle físico e psíquico por meio do trabalho. Assim, se para a categoria que comumente chamamos de homem o trabalho liberta, a lógica nazista era fazer do trabalho algo insuportável para os prisioneiros judeus ao ponto deles serem presos pelo e no trabalho. E mais, se vão morrer que morram fortalecendo a Alemanha Nazista tanto no aspecto econômico quanto no aspecto político de um gerenciamento de terrores íntimos do qual, certamente, o trabalho forçado era uma das estratégias. No mesmo contexto da Segunda Guerra Mundial, o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, diz:

(...) Queremos ser libertados. O que dá uma enxada no chão quer saber o sentido dessa enxada. E a enxada do forçado, não é a mesma enxada do lavrador, que exalta o lavrador. A prisão não está ali onde se trabalha com a enxada. Não há o horror material. A prisão está ali,

³³ LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.4.

onde o trabalho da enxada não tem sentido, não liga quem o faz a comunidade dos homens. (...) ³⁴

O nazismo, em suas mais sutis estratégias, criou a desconexão que ligava o trabalho à comunidade dos homens, bem como introduziu entre a maioria desses prisioneiros a decadência do próprio conceito de comunidade e de partilhar laços de solidariedade.

O Biopoder e a Vida Nua

Gostaria de partir de uma problemática na obra de testemunho de Primo Levi sobre os campos de concentração de Auschwitz, que traz a manifestação do biopoder e da vida nua, numa expressão de Agamben e Foucault e nos sugere pensar formas de resistências tecidas no ato de escrever, na recusa em se calar, expondo o intolerável na produção mais mesquinha e deteriorando-a desde dentro.

A experiência nazista parece ter sido um laboratório aonde as experimentações sobre a vida e sobre a morte se intensificaram em nome de um purismo arrogante que colocou no centro de relações de forças a produção de um racismo de Estado, problematizando um novo tipo de fenômeno: a população.

(...) O racismo se forma nesse ponto [racismo em sua forma moderna, estatal, biologizante]: toda uma política do povoamento, da família, do casamento, da educação. Toda hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes ao nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida quotidiana, receberam então cor e justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e triunfar a raça... Uma ordenação eugênica da sociedade, com o que ela podia comportar de extensão e intensificação dos micropoderes, a pretexto de uma estatização ilimitada, era acompanhada pela exaltação onírica de um sangue superior; esta implicava ao mesmo tempo, o genocídio sistemático dos outros e o risco de expor a si mesmo a um sacrifício total. (...) ³⁵

³⁴DE SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Terra de Homens*. Trad. Rubem Alves. José Olímpio, Rio de Janeiro, p.147.

³⁵FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, v.1: A vontade de Saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p.140.

Foucault irá mostrar que essa manifestação do racismo faz parte do mesmo processo que estabelecerá o surgimento do biopoder, ou seja, que em nome do ideário de se causar a morte, de exercer um poder soberano, esse racismo será produzido, assim como a intensificação de micropoderes. Todavia, o que temos aqui não é o corpo individual como alvo, mas a população.

(...) O racismo, acho eu, assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que se é membro numa pluralidade e limpa [...] O racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação das raças para exercer o seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo (...) ³⁶

O racismo seria, portanto, segundo Foucault, a função de morte presente no biopoder, quando a vida passa a ser gerenciada através do poder de causar a morte. Neste caso, o “artifício” eliminava não somente o inimigo de guerra, mas a “raça suja”, já que também visava à limpeza social no interior da sociedade alemã.

Essa questão é importante já que desde século XIX, já se via um esboço desse poder de higienização da sociedade, de esquadramento, de controle da vida e que autorizava, por exemplo, o seqüestro de indivíduos que supostamente atrapalhavam o fluxo da cidade: os errantes de toda natureza. Para esses, serão criadas instituições de múltiplas ordens: a prisão, o asilo, o internato, etc. O que parece se intensificar com o racismo de Estado é essa disposição de livrar-se não somente dos indivíduos impuros que faziam da cidade um organismo doente (homossexuais, ciganos, mendigos, prostitutas etc.), mas também de raças inteiras (judeus), estigmatizadas como tais, transformando o extermínio sistemático em dispositivo de “saúde” da sociedade, tornando-a cada vez mais forte, porque, supostamente, cada vez mais pura.

(...) O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas

³⁶ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp.308-9.

também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político. (...) ³⁷

O nazismo nesse intento de causar a morte e gerir a vida, de fazer morrer e deixar viver, de exercer um poder soberano dispunha ainda de uma estratégia de produção da “vida nua”, numa terminologia de Agamben, que consistia em, além dos sofrimentos físicos, causarem sofrimentos psíquicos de modo a instalar entre os judeus uma condição de vida de domesticação do homem.

(...) A vida nua em que foram transformados, não é, porém, um fato extrapolítico natural, que o direito deve limitar-se a constatar ou reconhecer; ela é antes, no sentido que se viu, um limiar em que o direito transmuta-se a todo momento em fato e o fato em direito, e no qual os dois planos tendem a tornar-se indiscerníveis. Não se compreende a especificidade do conceito nacional-socialista de raça - e, juntamente, a peculiar imprecisão e inconsistência que o caracteriza - se esquece que o corpo biopolítico, que constitui o novo sujeito político fundamental, não é “uma *quaestio facti*” (como, por exemplo, a identificação de uma certa norma a ser aplicada), mas a aposta de uma decisão política soberana, que opera na absoluta indiferenciação de fato e direito. (...) ³⁸

Agamben ressalta que no Campo de Concentração essa indiferenciação de fato e direito na qual era produzida a “vida nua” estava aquém de qualquer código moral e jurídico previsto, e que essa mutação política que se opera na Alemanha no período que se segue ao desenvolvimento do nazismo e do racismo de Estado já dava mostras dessa zona de imbricação que tornaria possível a um governante exercer o poder soberano de causar a morte em um Estado de Exceção.

(...) Sabe-se que os últimos anos da República de Weimar transcorreram inteiramente em regime de estado de exceção; menos evidente é a constatação de que, provavelmente Hitler não teria podido tomar o poder se o país não estivesse há quase três anos em regime de ditadura presidencial e se o Parlamento estivesse funcionando. (...) ³⁹

³⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2000, p.13.

³⁸ AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder Soberano e a Vida Nua*. Trad. Henrique Burigo. –Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p.178.

³⁹ AGAMBEN, Giorgio. *Op.cit.* p.29.

Assim só podemos entender como Hitler conseguiu instalar e fazer do Estado de Exceção uma regra se atentarmos ao fato de que a Alemanha, desde os últimos anos da República de Weimar, estava metamorfoseando para essa zona de indiscernimento entre fato e direito, na qual o nazismo foi apenas o seu ápice. A esse propósito vale lembrar a seguinte afirmação do historiador Alcir Lenharo:

(...) “A solução final” [grifos do autor] final contra os judeus também foi desencadeada na voragem da guerra. Mas, como em outros casos, ela pode ser localizada antes, ainda durante a expansão do movimento nazista. Talvez fosse conveniente lembrar que o anti-semitismo já era muito popular na Alemanha muito antes dos nazistas, mas nunca alcançara os níveis de recrudescimento que conhecera na Europa oriental, por exemplo. Antes do nazismo a manipulação política do anti-semitismo era exercida por grupos conservadores que preferiram eleger como inimigo número 1 o socialismo, e não o anti-semitismo. O movimento nazista iria alterar a ordem das prioridades.

Arendt anota que os nazistas simplesmente repetiam slogans conhecidos sobre os judeus... e a novidade da propaganda nazista, diz Arendt, foi deslocar o anti-semitismo do lugar de uma simples opinião acerca de “um povo diferente da maioria”, para se tornar uma preocupação íntima de todo o indivíduo em sua existência pessoal. Cada alemão passa então a ter preocupação com sua árvore genealógica. (...) ⁴⁰

Assim percebemos como os movimentos fascistas, e no caso o nazismo, produzia, no nível cotidiano, uma série de estratégias para reforçar o preconceito, estimular a violência e, principalmente, fomentar a produção de uma suposta superioridade racial ariana. É assim que boa parte da população alemã desse período, que já se encontrava altamente atomizada ⁴¹, encontrará na convicção de sua prioridade

⁴⁰ LENHARO, Alcir. *Nazismo: O Triunfo da Verdade*. São Paulo: 2003 pp.82-83.

⁴¹ Aqui remeto à idéia de Hannah Arendt em *As Origens do Totalitarismo*, dos homens supérfluos surgidos a partir das manifestações imperialistas do final do século XIX e início do XX que, aos poucos perderão os laços políticos e de envolvimento social uma vez que, no processo de dominação de outros povos (africanos e asiáticos), não teriam nenhum tipo de limitação baseada em leis. Tratava-se aí de exportar somente a força política como o exército, por exemplo, mas não a força jurídica que limitaria as ações imperialistas em termos de Estado-Nação. Para Arendt, são justamente esses homens sem senso de limites e de idéias autoritárias forjadas nesse sistema isento de obrigações para com os povos conquistados é que irão sustentar a ideologia nazista. Ver: ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

purificadora uma possibilidade de restabelecer a “dignidade alemã”, após o humilhante tratado de Versalhes estipulado no armistício da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Acabamos por verificar que o Estado de Exceção dava mostras de sua germinação bem antes de sua própria efetividade visível, particularmente nos decretos, que elaborados para casos excepcionais acabavam por se tornarem regra aceita sem resistência. Agamben lembra que o texto do artigo 48 estabelecia que:

(...) Se, no Reich alemão, a segurança e a ordem pública estiverem seriamente [erheblich] conturbadas ou ameaçadas, o presidente do Reich pode tomar as medidas necessárias para o restabelecimento da segurança e da ordem pública, eventualmente com a ajuda das forças armadas. Para esse fim, ele pode suspender total ou parcialmente os direitos fundamentais [Grundrechte], estabelecidos nos artigos 114, 115, 117, 118, 123, 124 e 153. (...) ⁴²

Era essa mutação política que deixava Levi perplexo, ao constatar que a ascensão nazista só poderia ter se efetivado mediante a omissão ou mesmo o envolvimento dos próprios alemães civis, que, de uma forma ou de outra, colaboraram com o totalitarismo nazista que fazia do Estado de Exceção uma regra e do campo de extermínio um laboratório privilegiado.

Se a princípio Primo Levi chama esse paroxismo da violência de “violência inútil”, logo se convence que, naquele ambiente e naquelas circunstâncias aquém do bem e do mal, a mortificação em massa era “útil”, estratégica, pois fazia parte dessa economia do poder que passava pelo racismo. Levi comenta que:

(...) A inútil crueldade do pudor violado condicionava a existência de todos os Lager. As mulheres de Birkenau contam que, uma vez obtida uma gamela (uma grande vasilha esmaltada), dela deviam se servir para três usos distintos: para tomar a sopa cotidiana; para evacuar a noite, quando o acesso à latrina era vedado; e para se lavarem, quando havia água nos lavabos. (...) ⁴³

As relações de poder vividas nos Campos de Concentração criavam uma atmosfera nas quais reduziam os prisioneiros a objetos de trabalho e transformariam a vida humana à mera função biológica garantida por se alimentar e beber, ainda assim com muita reticência, uma vez

⁴² AGAMBEN, Giorgio. *Op.Cit.*p.28.

⁴³ Primo Levi. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.67.

que a vida de cada um não importava para as instituições nazistas; ela sempre podia ser substituída por outra qualquer. Eram então reduzidos a uma vida nua.

(...) Os gregos não possuíam um termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra vida. Serviam-se de dois termos, semântica e morfológicamente distintos, ainda que reportáveis a um étimo comum: zoé, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e bíos, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo. (...) ⁴⁴

Agamben traduz então “zoé” como sendo a “vida nua”, a vida meramente biológica comum a qualquer vivente animal, e “bíos” como uma forma de vida qualificada, um estilo de vida desenhado social e individualmente.

O nazismo ao que se vê, reduz os prisioneiros à vida nua denegando-lhes a comunidade dos homens e lançando-os a uma condição de não homens, vida animal apenas, submetida à promiscuidade das violências físicas e psíquicas, roubando-lhes a “bíos”, qualquer sopro de vida digna que porventura pudesse existir.

Tal situação criava no campo uma violência que não se compreendia: se haveriam de eliminar a todos, porque então as humilhações, as crueldades? Levi não dá uma resposta conclusiva, mas indica que:

(...) Antes de morrer, a vítima deve ser degradada, a fim que o assassino sinta menos o peso de seu crime. É uma explicação não carente de lógica, mas que brada aos céus: é a única utilidade da violência inútil. (...) ⁴⁵

Essa degradação produzia a mortificação aos poucos, justamente para que cada prisioneiro sentisse o peso da cumplicidade partilhada na busca de qualquer privilégio, manchando os prisioneiros com os próprios crimes perpetrados pelo nazismo. Mesmo que nem todos fossem culpados pelo nazismo, todos sentiram o peso da vergonha.

(...) Não somos responsáveis pelas vítimas, mas diante das vítimas. E não há outro meio senão fazer como o animal (grunhir, fugir, escavar o chão com os pés, nitrir, entrar em convulsão) para escapar ao

⁴⁴ AGAMBEN, Giorgio. *Op.Cit.*p.9.

⁴⁵ LEVI, Primo. *Op.cit.*p.76

ignóbil: o pensamento mesmo está por vezes mais próximo de um animal que morre, que de um homem vivo, mesmo democrata (...) ⁴⁶

Deleuze e Guattari ao comentarem os escritos de Levi, mostram como essa vergonha pode ocorrer mesmo distante historicamente do nazismo, ou seja, como ela pode ocorrer diante dos vários pactos vergonhosos que mantemos diante de uma vulgaridade do pensamento, isto porque os fascismos se atualizam ganhando novos dispositivos e meios de atuação.

“Os Afogados e os Sobreviventes” de Primo Levi teria a função de conjurar a vergonha de ser homem experimentada por muitos dos sobreviventes, ao mesmo tempo em que tenta dar uma resposta às formas mesquinhas de pensamento que entorpecem o diferir, produzindo o ruído da resistência.

Levi se pergunta como pode haver homens capazes de fazer o nazismo? Como pode haver homens que estabeleceram com eles pactos vergonhosos? Como eles nos mancharam? Na troca de cartas que se estabeleceu entre Levi e seus leitores alemães após a publicação de “É isto um homem?”, E publicadas em “Os Afogados e os Sobreviventes”, percebe-se as ressonâncias de como esse racismo atuou e de certa forma se justificou com opiniões frágeis, indolentes, simplistas. Veja a seguinte carta:

(...) Me sucedeu encontrar aqui ou ali pessoas com a estrela judia, e eu não as colhi em casa, não as recebi como teria feito com outros, não intervim em favor delas. Minha culpa é esta. Só posso aceitar esta minha terrível leviandade, covardia e egoísmo contando com a remissão cristã (...) ⁴⁷

Hety, amizade feita em meio à troca de cartas, espécie de intercessora que Levi conseguiu entre os alemães, narra em uma de suas cartas o episódio no qual ela, seu filho e uma empregada assistiam a um processo da Eutanásia ⁴⁸ em 1967 quando testemunha a seguinte reação da empregada ⁴⁹:

⁴⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Op.cit.*p.140.

⁴⁷ Primo Levi. *Op.cit.*p.112

⁴⁸ A Eutanásia, segundo o vocabulário médico, é o processo pelo qual se desligam os aparelhos que mantinham vivos artificialmente os indivíduos garantindo a sua nutrição e alimentação. Agamben denomina os indivíduos nessa condição de homo sacer, o homem que pode ser morto sem que se cometa homicídio. Ver: AGAMBEN, Giorgio. *Op.cit.*

⁴⁹ A fala da empregada é um trecho da carta que Hety envia a Levi, assim não é uma discussão entre Levi e a empregada, mas sim entre essa intercessora e a empregada. Hety está descrevendo como que ainda após a queda de Hitler havia pessoas que preferiam buscar uma verdade compensatória, ao invés de refletir sobre o pacto que estabeleceu perante o nazismo. Ver: LEVI, Primo. *Op.cit.*

(...) ‘Para que servem todos esses processos que arrumaram agora? O que poderiam fazer nossos soldados se davam aquelas ordens? Quando meu marido veio da Polônia, de licença, ele me contou: ‘Quase não fizemos nada a não ser fuzilar judeus: sempre fuzilar judeus. De tanto disparar o meu braço doía’. Mas o que ele podia fazer?’⁵⁰

Diante de tal vulgaridade, diz Hety:

[...] Eu a despedi, reprimindo a tentação de me congratular com ela por seu pobre marido morto na guerra... Pois veja, aqui na Alemanha ainda hoje vivemos em meio a pessoas desse gênero.⁵¹

Nos dois casos, as cartas nos insinuam que ainda eram muito fortes nos alemães de então, essa vulgaridade do pensamento, dessa visão simplista que tende reduzir ao máximo o impacto dessa experiência-limite que causou o extermínio sistemático de milhares de prisioneiros, entre a sua imensa maioria, judeus.

Assim a vida de alguns não valia nada senão para ser eliminada, como um mal a ser extirpado, justificativa esta que se instalou e se difundiu entre a maioria dos alemães do período hitleriano. É esse racismo de Estado identificado por Foucault que tornará possível o grande extermínio através de um biopoder.

Podem-se identificar no nazismo, portanto, duas forças distintas, duas modalidades de poder que se intersectam e que atuam reciprocamente: de um lado o poder que tenta otimizar a vida ao máximo, torná-la mais pura, forte, produtiva em múltiplos aspectos orientada pela doutrina de uma cultura e raça superior (no caso a raça aariana) e, de outro, o poder de decidir sobre a vida e a morte dos judeus.

(...) Se o poder de normalização quer exercer o velho direito soberano de matar, ele tem de passar pelo racismo. E se, inversamente, um poder de soberania, ou seja, um poder que tem direito de vida e de morte, quer funcionar com os mecanismos, com a tecnologia da normalização, ele também tem de passar pelo racismo. É claro, por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à

⁵⁰ Primo Levi. *Op.cit.*p.120.

⁵¹ *Idem.*

morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição etc. (...) ⁵².

A obra “Os Afogados e os Sobreviventes” apresenta-nos esse ponto de intersecção – ponto rizomático – no qual as pessoas nos campos de extermínio são afetadas pelas dimensões do biopoder ao mesmo tempo em que sofrem as ressonâncias da soberania.

Primo Levi, ao escrever com sangue sobre essa batalha, acaba extraíndo da vida nua uma potência contestadora, espécie de antídoto para um novo estilo de vida que rejeita ser reduzida ao nível mais mesquinho. Com sua escrita, Levi, ao mesmo tempo em que denuncia as formas de controle, incita-nos a um “cuidado de nós mesmos”, para que boa parte do veneno introjetado pela experiência nazista que ainda permanece em nós por algumas ações totalitárias seja eliminada. Nesse sentido é pertinente lembrar a seguinte passagem de Peter Pál Pelbart:

(...) O corpo é sinônimo de uma certa impotência, e é dessa impotência que ele extrai uma potência superior, num sentido menos aristotélico, portanto uma potência liberada da forma, do ato, do agente, até mesmo da “postura” [grifo do autor] (...) ⁵³.

Ao pensar nas formas de afogamentos tecidas no universo dos Lagers, entendendo afogamento como o silenciamento de vozes minoritárias, é que compreendemos que a preocupação de Levi era escrever para o futuro, para uma geração que já não era mais a dele, para alertá-la do perigo daquilo que ele experimentou no campo de concentração nazista: a construção por vários dispositivos de poder (vigilância das condutas cotidianas de cada um, punição de qualquer ato contrário a doutrina nazista, contaminação de atos totalitários pelos próprios prisioneiros), de uma fábrica de corpos destituídos de vibratilidade que pode ser reconstruída a qualquer momento, em outras estratégias atuais nas relações de poder.

Os Muçulmanos

⁵² FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.306.

⁵³ PELBART, Peter Pál. *Op.cit.* pp145-6.

O termo “muçulmano”⁵⁴, conforme era usado nos Lagers, não foi inventado por Levi nem por outro prisioneiro, era um termo que os funcionários nazistas criaram para nomear as pessoas selecionadas para as câmaras de gás e fornos crematórios. Inicialmente era um termo usado somente em Auschwitz, mas depois atinge outros Lagers.

O curioso é que ai há um racismo dentro do racismo, utiliza-se uma visão estereotipada de muçulmano, circunscrito a um Oriente que nada mais é do que uma invenção do Ocidente, relegando a posição de inferioridade a um suposto padrão cultural hegemônico.⁵⁵

Os “muçulmanos”, que não eram muçulmanos de religião, eram o grupo mais emblemático do campo, uma vez que a sua situação diante das violências sofridas no Campo já estava bem longe daquela da comunidade dos homens. Podia-se dizer até que sua situação havia ultrapassado a dor, o sofrimento físico, porque já se haviam tornado corpos vazios de alma.

(...) Sabe-se que eles estão aqui de passagem; que dentro, de umas semanas, deles sobrarão apenas um punhado de cinzas em um outro Campo próximo e, no Registro, um número de matrícula riscado. Embora englobados e arrastados sem descanso pela multidão inumerável de seus semelhantes, eles sofrem e se arrastam numa opaca solidão íntima, e nessa solidão morrem ou desaparecem sem deixar lembrança alguma na memória de ninguém. (...)⁵⁶

O tratamento dispensado aos muçulmanos era justamente aquele para produzir a “vida nua”, como diria Agamben, o rebaixamento do homem na sua forma mais radical inclusive na violência conceitual que indicava os sinais de sua degradação:

(...) atribuído ao prisioneiro irreversivelmente exausto, extenuado, próximo a morte. Propuseram-se para o fato [o fato de sua exaustão, do seu cansaço] duas explicações, ambas poucas convincentes: o

⁵⁴ Levi diz que o termo muçulmano na religião islâmica significa aquele que se submete à vontade de Alá e que no regime nazista, o termo foi utilizado como aquele que se submete integralmente ao poder personificado na figura de Hitler que substitui o Deus islâmico, talvez para demonstrar que ele estava acima dessa divindade. Ver: LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁵⁵ Ver: SAID, W. Edward. *O orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵⁶ LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.90.

fatalismo e as faixas na cabeça, que podiam simular um turbante. Aquele termo está refletido exatamente, inclusive em sua ironia cínica pelo russo dokhodjaga, literalmente “chegado ao fim, acabado” [grifos do autor] (...).⁵⁷

Os muçulmanos diziam, portanto, de uma condição física e psíquica que cada prisioneiro poderia vir a se encontrar, mas, de tal modo indesejada, que era comum esconder dos demais, os sinais dessa metamorfose.

Assim percebe-se que as estratégias do biopoder nazistas incitavam-se cada vez mais à proliferação dos mulçumanos, dos homens forçados a uma vida nua, uma vida da qual se extraiu a forma, o estilo, a potência de vida (bíos) e se inseriu a uma submissão de vida (zoé) animalesca, mas domesticada, domada, silenciada.

Levi afirma que a desqualificação dos judeus como seres humanos implicou na criação nos Lagers de uma língua própria, o “lagerjargon”, responsável nos campos pelas palavras de ordem⁵⁸:

(...) Não me dava conta, e só me dei conta disso mais tarde, de que o alemão do Lager era uma língua própria... Era uma variante, particularmente bárbara, daquilo que um filólogo judeu alemão, Klemperer, tinha batizado como ‘Língua Tertii Impirii’, a língua do Terceiro Reich, inclusive propondo para ela a sigla LTI em irônica analogia com muitas outras (NASDAP, SS, SA, SD, KZ, RKPA, WVHA, RSHA, BDM...) caras a Alemanha de então⁵⁹.

As palavras de ordem se manifestam no domínio da redundância do ato e do enunciado, quando nos dizem algo não tem a intenção de nos fazer acreditar nelas, mas agir como se acreditássemos nela. Não caberiam assim questionamentos, mas sim obedecer, seguir, agir de acordo com aquilo que foi enunciado, mesmo que não se acredite nestas proposições.

(...) Os companheiros italianos que não o compreendiam, isto é, quase todos salvo alguns triestinos, afogavam-se um a um no mar tempestuoso do não entendimento: não entendiam as ordens, recebiam murros e pontapés sem compreender por quê. Na ética rudimentar do

⁵⁷ LEVI, Primo. *Op.cit.*p. 57.

⁵⁸Ver: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Esquizofrenia e Capitalismo v. 2*. Trad. Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. – São Paulo: Ed.34, 1995.

⁵⁹ *idem*

campo, estava previsto que um golpe se justificasse de algum modo, para facilitar o estabelecimento da corrente transgressão-punição-arrependimento; assim, muitas vezes o Kapo ou seus adjuntos faziam acompanhar a pancada com um grunhido: “Sabe por quê?”, a que seguia uma sumaria comunicação do delito”. Mas para os novos surdos-mudos esse cerimonial era inútil; (...) ⁶⁰

Tal como o rastelo do conto kafkiano “Na Colônia Penal,”⁶¹ os campos de concentração escrevia no corpo do sentenciado a sua punição e o seu erro, sem ao menos haver alguma possibilidade de saber o que havia cometido de errado. Kafka parece ter anunciado o que viria a se tornar a Alemanha nazista diagnosticando as formas de rebaixamento do homem, na qual se inscreveriam na carne o signo do seu erro, de sua culpa, do seu mal que era justamente a tatuagem que marcava entre aquela babel de múltiplas ordens (como diria Levi) o signo do mal a extirpar: os judeus.

(...) Vocês não tem nome: este é o seu nome. A violência da tatuagem era gratuita, um fim em si mesmo, pura ofensa: não bastavam os três números de pano costurado nas calças, no casaco e no agasalho de inverno? Não, não bastavam: era preciso algo mais, uma mensagem não verbal, a fim de que o inocente sentisse na carne escrita a sua condenação. (...) ⁶²

O que percebemos aí nesse exemplo trazido por Levi é a maneira como o nazismo inscrevia na carne, no corpo, e na mente a violência como um fim em si, buscando fragilizar qualquer defesa que porventura pudesse existir, pois a tatuagem serviria também como o julgamento que marcaria a distância entre os judeus e os demais prisioneiros de guerra, relegando aos judeus o status daquilo que Agamben chamará de homem matável, o *Homo sacer*.

Assim o lagerjargon (jargão do Lager) língua própria do campo funcionava como palavras de ordem do Campo gerenciando a rotina cotidiana do adestramento, da disciplina interna, em busca de uma anulação do judeu como um ser humano e lhe imputando uma vida nua:

⁶⁰ LEVI, Primo. *Op.cit.*p.55

⁶¹ KAFKA, Franz. *Na Colônia Penal*. Trad. Modesto Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁶² LEVI, Primo. *Op.cit.* p. 72.

(...) Em Auschwitz, ‘alimentar-se’ [grifo do autor] se indicava com fresseem, verbo que em bom alemão só se aplica aos animais. Para ‘vá embora’ [grifo do autor] usava-se a expressão hau’ab, imperativo do verbo abhausen; este, em bom alemão, significa ‘cortar, decepar’, [grifos do autor], mas no jargão do Lager equivalia a ir para o inferno... Do ruído de fundo dos meus primeiros dias de confinamento logo emergiram, com insistência, quatro ou cinco expressões que não eram alemãs: deviam indicar, pensei alguns objetos ou ações básicas, como trabalho, água, pão... Só muito mais tarde um amigo polonês me explicou, de má vontade, que simplesmente queriam dizer ‘cólera, sangue de cão, raios, filho da puta e fodido’; as três primeiras, com função de interjeições⁶³.

Tais jargões buscavam comunicar afetos tristes, justamente com a finalidade de rebaixar a condição humana. Rebaixamento este, resultado do processo de efetivação de forças nazistas, que trazia em si uma destituição da subjetividade, plasmando as pessoas em números, sinos, ordens, socos, pontapés, toda uma seqüência de violências exercidas deliberadamente.

O muçulmano era o “resíduo” produzido no e pelo campo. Eventualmente, naquele ambiente, e naquelas circunstâncias de fome, sede, trabalho forçado, da não aliança que poderia trazer algum proveito próprio, qualquer um poderia se tornar um “muçulmano”.

(...) A história – ou melhor, a não história – de todos os muçulmanos que vão para o gás, é sempre a mesma: simplesmente, acompanharam a descida até o fim, como os arroios que vão até o mar. Uma vez dentro do Campo, ou por causa da sua intrínseca incapacidade, ou por azar, ou por um banal acidente qualquer, eles foram esmagados antes de conseguir se adaptar. (...) ⁶⁴

A vida do prisioneiro passa, nesse sentido, por um gerenciamento íntimo visando à adaptação, ou melhor, à constituição de relações que os permitiam viver um dia de cada vez no campo. No quadro de uma mortificação generalizada, é preciso “ganhar o nosso dia” como se fosse o último, invocando uma tenacidade do instante, do agora, do hoje. Era rara, entre os prisioneiros judeus, uma perspectiva de salvação coletiva futura

⁶³ LEVI, Primo. *Op.cit.* p.58.

⁶⁴ LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.91.

diante da angústia de ver cotidianamente um número de matrícula riscado e mais um mulçumano exterminado.

Esse aniquilamento do homem era muito bem traçado, organizado, gerenciado nesse racismo de guerra identificado por Foucault e, de tal modo denunciado por Levi, que só nos resta temer e estabelecer afetos contra as formas tirânicas de aprisionamento da vida por que:

(...) Na guerra, vai se tratar de duas coisas, daí em diante: destruir não simplesmente o adversário político, mas a raça adversa, essa [espécie] de jogo biológico representado, para a raça que somos pelos que estão a nossa frente (...) ⁶⁵

O mulçumano, portanto, era o personagem do campo que encarnava o paroxismo do exercício desse tipo de poder, do biopoder, através do qual o gênero humano deixava de ser exposto como cidadão de direito para se expor como espécie numa população, da qual se destituiu a concepção de povo. Agamben diz a propósito que:

(...) Nesse momento, o vínculo flutuante entre povo e população se rompe definitivamente e assistimos ao surgimento de algo parecido com uma substância biopolítica absoluta, que não pode ser determinada e nem pode admitir cesuras [inassegnabile e incesurabile]... Compreende-se então a função decisiva dos campos no sistema da biopolítica nazista. Eles não são apenas o lugar da morte e do extermínio, mas também, e antes de qualquer outra coisa, o lugar da produção do muçulmano, da última substância biopolítica isolável do homem continuum biológico. Para além disso, há somente a câmara. [...] Em 1937, durante a celebração de uma reunião secreta, Hitler formula pela primeira vez um conceito biopolítico extremo, que é necessário comentar. Referindo-se a Europa centro-oriental, ele declara que precisa de um *volkloser Raum*, de um espaço sem povo. ⁶⁶

A política nazista no exercício biopolítico da produção do muçulmano ambiciona a criação de um espaço sem povo. Por que esse desejo? Agamben dirá que:

(...) Não se trata simplesmente de algo parecido com um deserto, de um espaço geográfico desprovido de habitantes (a região que ele se referia era densa de povos e nacionalidades diferentes). Designa, isso

⁶⁵ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.307-8.

⁶⁶ AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assmann.-São Paulo: Boitempo, 2008.

sim, uma intensidade biopolítica fundamental, que pode pesar sobre qualquer espaço, e por meio da qual os povos se transmutam em população e as populações em mulçumanos. O que o *volkloser Raum* nomeia é o motor interno do campo, entendido como máquina biopolítica que, uma vez implantada em um espaço biopolítico absoluto, o transforma em espaço biopolítico absoluto, ao mesmo tempo *Lebensraum Todesraum* [espaço de vida e espaço de morte], no qual a vida humana passa a estar além de qualquer identidade biopolítica atribuível. A morte é, nesse ponto, um simples epifenômeno.⁶⁷

Vemos que a ambição de Hitler em produzir um espaço “sem povo” era justamente, como sugeriu as análises de Agamben, produzir um exercício ilimitado de domínio sobre a vida e a morte, uma intervenção que destituía o povo de sua potencialidade enquanto multidão, que também visava o controle do espaço liso⁶⁸, a captura da máquina de guerra (invenção nômade) pelo Estado, no exercício de poder contínuo sobre a vida e a morte. O desejo de Hitler era dominar o espaço liso estriando-o e despotencializando o povo, convertendo-o em população inerte, passiva.

A escrita de Levi contra as formas de silenciamento, fala por esse povo despotencializado, pelo povo que falta, ou que, deverá surgir. Estabelece então um elo entre a potência de escrita que resiste à infâmia, à situação abjeta e violenta a que foram expostos em um mundo e a potência do intelectual ou do escritor.

Se o biopoder produz o aprisionamento da vida, a escrita de Levi pode ser pensada como potência afirmadora que a liberta, ou seja, como escrita que carrega os sintomas de sua doença. Mas é justamente através do diagnóstico desses sintomas é que podemos atuar contra os poderes que tenta nos coagir, despertando a potência criativa de cada um de nós ou de nossas parcerias coletivas.

⁶⁷ *Idem*

Capítulo 2

Conjurar a Vergonha: Escrita e Potência em Primo Levi

A paisagem é nebulosa, incerta, cheia de marcas de rodas da carruagem, cenário propício também para a manifestação de uma vida confusa, sem sentido, onde os elos de solidariedade entre os seres humanos estão cada vez mais fracos. Pois bem, é numa atmosfera dessas que o escritor russo Tchecov narra, de maneira ímpar, a história de Jonas⁶⁹.

O conto “Angústia” transcorre em meio ao tumulto da multidão, pessoas sempre com pressa e interesses individuais explícitos: trabalhar, festejar, namorar. Ora, como poderia esperar Jonas que uma dessas pessoas iria ouvir a sua história, o seu infortúnio, a sua perda? Entre tantas pessoas não conseguiu encontrar ninguém que lhe ouvisse, ao contrário só levava pancada, chutes, tapas e expressões de pouco caso para com a sua dor.

Mas o que atormentava Jonas? A perda de um filho e a inexistência de um único ouvido atento para desabafar, exorcizar da vida esse acontecimento triste, insuportável. A sombra do acontecido lhe perseguia de tal maneira, que ao final do conto, tendo saído mais cedo do trabalho, no estábulo, se põe a conversar com seu cavalo para quem decide contar tudo.

Nesse breve conto Tchecov aborda a impotência, a fragilidade, a solidão que se instala em meio a tanta gente. O conto trata dessa espécie de desertificação da vida social onde andamos desesperadamente a procura de aliados e só encontramos areia. Daí que, nessa longa marcha, Deleuze com toda razão irá dizer que o grande problema não é atravessar o deserto e sim nascer nele⁷⁰.

Pois bem, é a partir dessa constatação da desertificação da vida e do rebaixamento do homem que gostaria começar este capítulo sobre o escritor italiano Primo Levi, trazendo a força e a potência de uma escrita vigorosa contra as formas de aprisionamento da vida, principalmente onde esse aprisionamento foi tão intenso como

⁶⁹TCHECOV, Anton. *Angústia*. In: *Contos Russos*. Trad. e Seleção: Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Ronai. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

⁷⁰DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

nos campos de concentração nazista, e de como isso ressoa em nós, pessoas do século XXI.

A Zona Cinzenta

Partirei inicialmente da discussão de situações-limites que imprimem no corpo uma teia saturada de histórias, que afeta de tal modo o corpo que dá surgimento a uma escritura visceralmente comprometida com aquilo que se experimentou. A obra “Os Afogados e os Sobreviventes” cruza essa fronteira do indizível para criar a atmosfera respirável em um mundo no qual se possa acreditar, ou como diria Deleuze:

(...) Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmos pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos (...) ⁷¹

Como narrar o inarrável? Como dizer o indizível? Como criar um elo entre a escrita e a vida, sem considerá-la reprodução do vivido? Essas questões envolvem a obra os “Afogados e os Sobreviventes” de Primo Levi que, ao narrar suas experiências nos campos de concentração nazistas visava esconjurar os fascismos, estabelecendo elos entre nós mesmos, mostrando o grande perigo de já não conhecermos a que propósitos estamos servindo e, por outro lado, de não percebermos que as formas silenciosas de aprisionamento da vida são tecidas habilmente em uma estratégia biopolítica ⁷².

Essa dimensão das experiências vividas nos campos de concentração nazistas pelo até então, químico Levi, é extremamente importante para pensar as formas de controle atuais que ainda ressoam características fascistas, inserindo-nos num mundo confuso, de limites mal definidos, do gerenciamento de pequenos terrores íntimos que insiste em converter-nos em escravos, impotentes errantes dessa zona cinzenta de que falava Levi e que colocaria a experiência do holocausto fora do limite da compreensão:

Fomos capazes, nós sobreviventes, de compreender e fazer compreender nossa experiência? Aquilo que comumente entendemos por ‘compreender’ coincide com simplificar: sem uma profunda

⁷¹ DELEUZE, Gilles. *Op.cit*, p.218.

⁷² Ver FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. In: *Resumos dos Cursos do College de France (1970-1982)*. Trad. Andréia Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

simplificação o mundo ao nosso redor seria infinito e indefinido, que desafiaria nossa capacidade de nos orientar e decidir nossas ações. Em uma somos obrigados a reduzir o cognoscível a um esquema: tendem a esse objetivo os admiráveis instrumentos que construímos no curso da evolução e que são específicos do gênero humano, a linguagem e o pensamento conceitual.⁷³

Levi diz, em outras palavras, da insuficiência dos recursos que dispomos para narrar ou pensar os acontecimentos dos campos de concentração, experiência que foge às nossas referências inteligíveis. À sua maneira diz também que não há correspondência entre as palavras e as coisas e, por isso, trata-se de trazer as formas de aniquilamento do homem em uma escrita costurada a partir dos escombros das batalhas nos Lagers, que por si só é fragmentária, confusa e digna de desconfiança.

Este mesmo livro está embebido de memória: ainda por cima, de uma memória distante. Serve-se, portanto, de uma fonte de suspeita, e deve ser defendido contra si mesmo.⁷⁴

Percebe-se em Levi, portanto, um olhar inquietante, desconfiado, sobre si mesmo e sobre a sua experiência-limite nos campos de concentração de Auschwitz, criando uma espécie de “cuidados de si” na escrita cujas atitudes e comprometimento são levados a um grau de intensidade de denúncia das formas de aprisionamento da vida que a torna capaz de flagrar os modos como as visões simplistas sobre o acontecimento são produzidas:

Mas nem sempre o esquema no qual se ordena os fatos se pode determinar de modo unívoco... talvez por razões que remontam as nossas origens de animais sociais – a exigência de dividir o campo entre ‘nós’ e ‘eles’, que este esquema, a bipartição amigo-inimigo, prevalece sobre todos os outros.⁷⁵

Consegue assim perceber que as simplificações de uma visão maniqueísta que divide os homens entre o “nós” e o “eles”, entre o bem e o mal, o amigo e o inimigo no cotidiano de Auschwitz, não podem ser usadas para pensar esse tipo de experiência, pois o nazismo tratava de manchar com o ideário hitleriano qualquer pessoa, prisioneira

⁷³ LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.17.

⁷⁴ Ver LEVI, Primo. *Op.cit.* p.16.

⁷⁵ *idem.*

ou não. Assim, as simplificações em alguns aspectos são justificáveis (e desejadas) pois mostra a complexidade das relações estabelecidas dentro dos campos de concentração.

Esse desejo de simplificação é justificado, a simplificação nem sempre o é. É uma hipótese de trabalho, útil na medida em que seja reconhecida como tal e não confundida com a realidade; a maior parte dos fenômenos históricos e naturais não é simples ou, pelo menos, não tem a simplicidade que nos agradaria. Ora, não era simples a rede das relações humanas no interior dos Lager: não podia reduzi-la a dois blocos, o das vítimas e o dos opressores⁷⁶.

Tratava-se, portanto, da criação de um microcosmo com uma lógica própria cujas relações aí estabelecidas davam visibilidade à noção de diagrama ou máquina abstrata cujas relações de força acontecem introduzindo os prisioneiros num universo incompreensível, não localizável, aparecendo somente em seu exercício.

O mundo no qual se precipitava era decerto terrível, mas também indecifrável: não era conforme a nenhum modelo, o inimigo estava ao redor mas também dentro, o nós também perdia os seus limites, os contedores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro. Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os aliados esperados, salvo casos excepcionais, não existiam; existiam ao contrário, mil mônadas impermeáveis e, uma luta desesperada, oculta e contínua⁷⁷.

As relações de poder, segundo Foucault, só existem em seu exercício. O poder não é algo que se possui, ou que está no Estado, ainda que o atravesse e que seja ali exercido sistematicamente. Daí que se pode dizer que o poder se exerce e dele só podemos mapear os focos de sua irrupção enquanto relação de força. Não há como dizer quem *tem* o poder no campo de Auschwitz, mas quem, em determinado momento, o exerce [Kapo; um prisioneiro político; médico; enfermeiro; judeu etc.], e essa foi a mais sofisticada estratégia nazista para manchar os prisioneiros e não prisioneiros com as práticas fascistas, minando ou dificultando as formas de resistência:

É preciso recordar que o sistema concentracionário, desde suas origens (que coincide com a subida do nazismo na Alemanha), tinha o objetivo primário de romper a capacidade de resistência dos

⁷⁶ LEVI, Primo. *Op.cit.* pp.17-8.

⁷⁷ LEVI, Primo. *Op.cit* pp.18.

adversários: para a direção do campo, o recém-chegado era um adversário por definição, qualquer etiqueta que lhe tivesse sido afixada, e devia ser demolido imediatamente para que não se tornasse um exemplo ou um germe de resistência organizada. Nesse ponto os SS tinham idéias claras e, sob este aspecto, deve-se interpretar todo o sinistro ritual, diferente de Lager para Lager mas único na substância, que acompanhava o ingresso; os chutes e os murros desde logo, muitas vezes no rosto, a orgia de ordens gritadas com cólera autêntica ou simulada; desnudamento total; a raspagem dos cabelos; a vestimenta de farrapos. É difícil dizer se essas particularidades foram estabelecidas por algum especialista ou aperfeiçoada metodicamente com base na experiência, mas por certo eram deliberadas e não casuais: uma direção havia era aparatosa⁷⁸.

Nesse aspecto, seria muito difícil saber realmente contra quem se lutava, pois de certa forma todos os prisioneiros estavam postos sob um mesmo destino: o trabalho forçado, a fome, a sede e tudo isso lhes colocava numa condição de animal domado. Condição que compunha o agenciamento cotidiano de terrores íntimos e garantia, para o regime nazista, uma administração eficiente dos corpos individuais e coletivos dos prisioneiros: todos, individualmente, deviam obedecer a uma disciplina cotidiana, mas esta proporcionava, nessa lógica, uma obediência incondicional de um grupo como um rebanho de cordeiros.

(...) Se alguém hesitava [hesitavam todos, porque não compreendiam e estavam aterrorizados], vinham os golpes, e era evidente que se tratava de uma variante da mesma linguagem: o uso da palavra para comunicar o pensamento, este mecanismo necessário e suficiente para que o homem seja homem, tinha caducado. Era um sinal: para eles, não éramos mais homens; conosco, como com vacas ou mulas, não havia diferença substancial entre o berro e o murro.⁷⁹

Nesse ambiente, e nessas circunstâncias, a busca por qualquer privilégio se proliferava e ganhava vários colaboradores, adquirindo assim uma espécie de capacidade de exercício de poder, provisória, que acabava por fim mesmo atuando contra esses próprios colaboradores, como era o caso dos prisioneiros funcionários, chamados Kapo. Mas quem compunha esse universo dos Kapo?

⁷⁸ LEVI, Primo. *Op.cit.* pp.18-9.

⁷⁹ LEVI, Primo. *Op.cit.*p.53.

(...) os chefes [Kapos: o termo alemão deriva diretamente do italiano, e a pronúncia truncada, introduzida pelos prisioneiros franceses, só se difundiu muitos anos depois, divulgado pelo filme homônimo de Pontecorvo e favorecida na Itália justamente pelo seu valor diferencial] das brigadas de trabalho, os chefes de alojamento, os escriturários... bem como o mundo dos prisioneiros que desempenhavam atividades diversas, às vezes delicadíssimas, nos escritórios administrativos do campo, a Seção Política, [de fato, uma seção das Gestapo], o Serviço do Trabalho, as celas de punição. (...) ⁸⁰

E quem adquiriria esse privilégio?

(...) Em primeiro lugar, aqueles a quem a possibilidade era oferecida, ou seja, os indivíduos nos quais o comandante do Lager ou seus delegados [que muitas vezes eram bons psicólogos] entreviam a possibilidade de colaborador: criminosos comuns egressos das prisões, aos quais a carreira de esbirro oferecia uma excelente alternativa a detenção; prisioneiros políticos enfraquecidos por cinco ou dez anos de sofrimentos, ou, de um modo ou de outro, moralmente debilitados; mais tarde, até judeus que viam na migalha de autoridade que se lhes oferecia o único modo de escapar da solução final. (...) ⁸¹

Toda essa maquinaria em funcionamento como descreve Levi, tinha a finalidade de torná-los corpos dóceis, obedientes, submissos, tirar qualquer dignidade humana que por ventura ainda existisse. Tratava-se de um desnudamento da vida, tratava-se de produzir uma condição animalesca de domesticação do homem:

Ora, não se pode esquecer que a maior parte da recordação dos sobreviventes, narradas ou escritas, começa assim: o choque com a realidade concentracionária coincide com a agressão, não prevista e não compreendida, por parte de um inimigo novo e estranho, o prisioneiro-funcionário, que, ao invés de lhe pegar a mão, tranqüilizá-lo, ensinar-lhe o caminho, se arroja sobre você gritando numa língua desconhecida e lhe golpeia o rosto. Ele quer domá-lo, quer apagar a centelha de dignidade que você talvez ainda conserve e que ele perdeu. Mas você estará perdido se esta sua dignidade o levar a reagir: esta é uma lei não escrita, mas férrea... a resposta na mesma moeda, é uma transgressão intolerável, que só pode ocorrer a um novato... E me foi narrada a história de um novato italiano, um militante da

⁸⁰ LEVI Primo. *Op.cit.* pp.22-3.

⁸¹ LEVI Primo. *Op.cit.* pp.24.

Resistência... Fora maltratado durante a distribuição de sopa e havia ousado dar um empurrão no funcionário-distribuidor: acorreram os colegas deste último, e o réu foi afogado exemplarmente com a cabeça afundada na panela da própria sopa⁸².

O relato de Levi apresenta o jogo de concessões, astúcias e a tenacidade das condições existenciais para suportar o peso das forças que lhes enfraquecem, que lhes despotencializam, que faziam daquele universo concentracionário um labirinto para comunicação de afetos tristes. Nesse sentido, as relações “consigo mesmo”⁸³ deveriam ser intensificadas, para garantir a resistência ao “aparelho de captura”⁸⁴ dos campos de concentração.

(...) Todo ser humano possui uma reserva de forças cuja medida lhe é desconhecida: pode ser grande ou pequena ou nula, e só adversidade extrema permite avaliá-la... Cada indivíduo é um objeto de tal modo complexo que é vão querer prever o seu comportamento. (...) ⁸⁵

A zona cinzenta imprimia nas pessoas uma necessidade em diversos graus de aceitar, adaptar, de compreender a lógica própria dessa maquinaria que inscrevia na pele os códigos prescritos na ordem das violências cotidianas. Aí então se percebe que entre os sobreviventes de Auschwitz, a grande maioria, de uma forma ou de outra, teve de fazer concessões para sobreviver, teve de colaborar com o poder exercido dos Lagers.

(...) Onde existe um poder exercido por poucos, ou por um só, contra a maioria, o privilégio nasce e prolifera, inclusive contra vontade do poder mesmo; mas é normal que o poder o tolere e o encoraje. Limitemo-nos ao Lager, que, no entanto, mesmo, em sua versão soviética, pode bem servir como ‘laboratório’: a classe híbrida dos prisioneiros funcionários constitui a sua base e, simultaneamente, o traço mais inquietante. É uma zona cinzenta, com contornos mal definidos, que ao mesmo tempo separa e une o campo dos senhores e

⁸² LEVI, Primo. *Op.cit*, p.20.

⁸³ As relações consigo mesmo, apesar de não criarem uma estética de vida diante do desnudamento da vida, como Foucault havia percebido na sociedade grega e greco-romana do período clássico aos primeiros séculos da era cristã, podem ser verificadas entre os sobreviventes na conduta ética que teria possibilitado sobreviverem em campos de extermínio: tratava-se de perceber como aquele universo funcionava para criar seus mecanismos de resistência, para poder assim criar uma dobra no poder. Ver: DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Trad. Luís B. L. Orlandi.- Campinas: Papyrus, 1991.

⁸⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. vol.V*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

⁸⁵ LEVI, Primo. *Op.cit*, p.32.

dos escravos. Possui uma estrutura interna incrivelmente complicada e abriga em si o suficiente para confundir a nossa capacidade de julgar.

A zona cinzenta da protekcja e da colaboração nasce de múltiplas raízes. Em primeiro lugar, a área do poder, quanto mais estreita, tanto mais precisa de auxiliares externos; o nazismo dos últimos anos não podia prescindir deles, resolvido como estava a manter sua ordem no interior da Europa subjugada e a alimentar as frentes de guerra debilitada pela resistência militar crescentes dos adversários. Era indispensável buscar nos países ocupados não só mão-de-obra, mas também forças da ordem, delegados e administradores do poder alemão, então empenhados em outros lugares até o ponto da exaustão. Nesta área deve ser catalogados, com diferenças de peso e qualidade, Quisling na Noruega, o governo de Vichy na França, o Judenrat de Varsóvia, a República de Salo, bem como os mercenários ucranianos e bálticos empregados em toda parte nas tarefas mais sujas (jamais em combate), e os Sonderkommandos... Mas os colaboradores que provêm do campo adversário, os ex-inimigos, são indignos de confiança por essência: traíam uma vez e pode trair outra. Não basta relegá-los às tarefas marginais; o modo melhor de comprometê-los é carregá-los de crimes, manchá-los de sangue, expô-los quanto possível...

Em segundo lugar, e em contraste com uma certa estilização hagiográfica e retórica, quanto mais feroz a opressão, tanto mais se difunde entre os oprimidos a disponibilidade de colaboração com o poder. Também essa disponibilidade é matizada por nuances e diferenciações infinitas: terror, engodo ideológico, imitação barata do vencedor, ânsia míope por um poder qualquer, mesmo que ridiculamente circunscrito no espaço e no tempo, covardia, e até lúcido cálculo dirigido para escapar das regras e das ordens impostas. Todos esses motivos, singularmente ou em combinação, forma operantes na origem da faixa cinzenta, cujos componentes, em relação aos não- privilegiados, eram unidos pela vontade de conservar e consolidar o seu privilégio.⁸⁶

Havia nesse sentido uma teia rizomática do exercício do poder que se proliferava por contágio, disseminação, de pontos de apoios diferentes que se sustentavam com

⁸⁶ LEVI, Primo. *Op.cit.* p.21-22.

uma mesma finalidade de produzirem corpos dóceis e mentes sem capacidade de reação. Tratava-se de tirar toda e qualquer potência humana que buscasse através de um domínio de si, forjar uma “dobra”⁸⁷ naquilo que estava regidamente produzido para sustentar os ideais nazistas de um purismo arrogante.

Vale lembrar também que, como bem apontou Levi, não cabe um julgamento das pessoas que se encontravam nessa zona cinzenta que, também, se tornavam homens cinzentos, no sentido em que a fronteira entre senhores e servos era uma linha tênue que os remanejava de um pólo ao outro. Como julgar um prisioneiro funcionário dentro dessa atmosfera? Essa é uma questão sem sentido para Levi, pois todo o sistema interno do universo concentracionário confunde qualquer capacidade nossa de julgar.

(...) Não somos capazes de julgar nosso comportamento e o alheio, tido noutra época o código de então, com base no código de hoje; mas se parece justa a cólera que nos invade quando vemos que algum dos “outros” [grifos do autor] se sente autorizado a julgar a nós (...)⁸⁸

Escreve, portanto, não para julgar, não para condenar, por mais que as condições pelas quais passaram os prisioneiros em Auschwitz tenha sido de uma violência intolerável e sim por um povo que falta: (os muçulmanos) que foram afogados pelas redes de violências exercidas nos campos.

A escrita de Levi foge dessa procura de culpados, foge do juízo e isso não por passividade, mas por uma potência imanente da escrita circunscrita a suas experiências limites nas quais era impossível prever o comportamento de cada pessoa.

Assim, a escrita garante uma potência afirmadora que busca desarmar a tentativa de outros julgarem, “a posteriori”, os culpados pela catástrofe nazista, pois as relações eram tão complexas que nem os próprios prisioneiros teriam uma visão privilegiada para exercer tal julgamento.

Apresentava nesse sentido uma imprevisibilidade barroca da qual falava Deleuze em relação à literatura:

(...) Borges, invocava um filósofo-arquiteto-chinês, Ts’ui Pen, inventor do “jardim que se bifurcam”: labirinto barroco cujas séries infinitas convergem ou divergem e que forma uma trama do tempo

⁸⁷ Ver: DELEUZE, Gilles. *Op.cit.*

⁸⁸ LEVI, Primo. *Op.cit* p.46.

abarcando todas as possibilidades. Fang, por exemplo, detém um segredo; um desconhecido bate a sua porta; Fang decide matá-lo. Naturalmente, há vários desenlaces possíveis: Fang pode matar o intruso, o intruso pode matar Fang, ambos podem safar-se, pode ambos morrer “et coetera”. Na obra de Ts’ui Pen, todos os desenlaces se produzem, sendo cada um o ponto de partida de outras bifurcações (...)⁸⁹

Essas bifurcações circunscritas nas atmosferas dos Lagers colocavam os prisioneiros diante de muitos desenlaces, que poderiam se concretizar ou não. Atitudes e compromissos eram efetivamente assumidos “consigo mesmo” para manter a sua condição de “sobrevida”⁹⁰ por meio de algum privilégio e na maioria dos casos fazia-se de tudo para manter tal privilégio.

Havia casos em que se buscavam privilégios, havia casos em que se ofereciam esses privilégios, ou melhor, esses privilégios eram incitados e estimulados pelo próprio regime nazista, uma vez que esse tipo de colaboração era indispensável ao poder arborescente deste. Podia-se, é claro, aceitar ou recusar os privilégios [o que raramente acontecia]. Aceitar significava, todavia, carregar a vergonha de ter conseguido a sobrevivida através deles,

(...) Os prisioneiros privilegiados eram minoritários na população do Lager, mas representam, ao contrario, uma forte maioria entre os sobreviventes; de fato, ainda que não se leve em conta o cansaço, os golpes, o frio, as doenças, deve-se lembrar que a ração alimentar era nitidamente insuficiente até para o prisioneiro mais sóbrio: gastas em dois ou três meses as reservas fisiológicas do organismo, a morte por fome, ou por doenças induzidas pela fome, era o destino normal do prisioneiro. Podia ser evitada apenas com um suplemento alimentar e, para obtê-lo, era preciso um privilégio, grande ou pequeno; em outras palavras, um jeito, “octroye” ou conquistado, astuto ou violento, lícito ou ilícito, de estar acima da norma. (...)⁹¹

O privilégio que garantia um tempo de vida a mais, uma sobrevivida, podia significar estar livre dos trabalhos mais pesados, ser o último na fila de distribuição de sopa para obter a ração mais nutritiva que se acumulava no fundo das panelas, esconder

⁸⁹ DELEUZE, Gilles. *Op.cit.*p.108.

⁹⁰Ver: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad.Selvino J. Assmann.-São Paulo: Boitempo, 2008.

⁹¹ LEVI, Primo. *Op.cit.*p.20.

as reservas de água encontradas, ou apenas ter relações com pessoas influentes dentro do campo⁹², entre outros. Os que não seguiam essa lógica morriam:

(...) Morreu Chajim, relojoeiro de Cracóvia, judeu piedoso, que a despeito das dificuldades de linguagem se esforçara por me entender, explicando a mim, estrangeiro, as regras essenciais de sobrevivência nos primeiros dias essenciais de encerramento; morreu Szabó, o taciturno camponês húngaro, que, tendo quase dois metros de altura, tinha mais fome do que todos, mas que, enquanto teve forças, não hesitou em ajudar os companheiros mais fracos a se erguerem e seguirem em diante (...)⁹³

Dadas as situações-limites que enfrentavam havia, ainda assim, prisioneiros que desenvolviam um senso de solidariedade raro, difícil de encontrar e de ser praticado nesse ambiente, dobrando forças administrativas que capturavam sistematicamente colaboradores para fazer funcionar a máquina nazista.

(...) De qualquer modo, houve insurreições; foram preparadas com inteligência e incrível coragem por minorias resolutas e fisicamente ainda intactas. Custaram um preço espantoso em termos de vidas humanas e de sofrimentos coletivos infligidos a título de represália, mas serviam e servem para demonstrar ser falso afirmar que os prisioneiros dos Lagers alemães jamais tentaram revoltar-se. Na intenção dos rebeldes, deveriam conduzir a um outro resultado mais concreto: levar ao conhecimento do mundo livre o segredo terrível do massacre. Com efeito, os poucos que obtiveram êxito e que, após outras peripécias extenuantes, puderam ter acesso aos órgãos de informação, falaram: mas... quase nunca foram escutados ou tiveram crédito. As verdades incômodas têm um caminho difícil. (...)⁹⁴

Certamente as verdades incômodas têm um caminho difícil, pois, devem trespassar a espécie de muro que constitui a opinião indolente, forjada pelo pensamento majoritário. A escrita de Levi é uma afirmação de si na linguagem que busca esburacar esse muro e dobrar os poderes instituídos.

⁹² Sobre essas concessões ver: LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. –Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁹³ LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.47.

⁹⁴ LEVI, Primo. *Op.cit*, p.97.

A “dobra” é pensada aqui a partir de Deleuze, como uma potência operatória, um traço, uma flexão da força. A dobra do poder exercido como resistência, um novo agenciamento a partir daquilo que buscava silenciar, omitir e impor uma verdade e um juízo. Dobras da alma a partir das redobras da matéria, como diria Deleuze, ou a subjetivação foucaultiana que lança o indivíduo em uma transformação incessante de si mesmo por si mesmo.

As colocações de Levi, portanto, seriam como as minúsculas operações dos vetores de escape, das dobras da alma a partir das redobras da matéria e que lançam fluxos de potência inflexiva, ao ponto de instaurar um acontecimento que nos transforma, que nos modifica, que nos treina contra as formas mesquinhas de rebaixamento da vida. E isso passa por não julgar, pois como lembra Deleuze:

(...) O juízo impede a chegada de qualquer novo modo de existência. Pois este se cria por suas próprias forças, isto é, pelas forças que sabe captar, e vale por si mesmo, na medida em que faz existir a nova combinação. Talvez esteja aí o segredo: fazer existir, não julgar (...) ⁹⁵

Trata-se, portanto, de instaurar a partir da escrita não uma reflexão, mas antes de tudo, uma inflexão que:

(...) corresponde ao que Leibniz denomina de signo ambíguo. Ela está em imponderabilidade [...] Do mesmo modo, a inflexão é o puro Acontecimento da linha ou do ponto, o Virtual, a idealidade por excelência. Efetuar-se-á segundo eixos de coordenadas, mas, por enquanto, não está no mundo: ela é o próprio Mundo, ou melhor, seu começo (...) ⁹⁶

Levi traz em sua escrita justamente essa inflexão, essa “dobra”, que remete às dimensões deleuzeanas de instauração de novos mundos, de acontecimentos pequenos, de crivos que nos lançam a nos afirmar na existência e não sermos submetidos pelas forças do Fora.

Essa inflexão que nos lança a possibilidade de voltar a nós mesmo e instaurar uma nova possibilidade de vida mais libertária onde a escrita seria nesse sentido a dobra que ao mesmo tempo demonstra as marcas da batalha e traça as linhas de fuga possíveis.

⁹⁵ DELEUZE, Gilles. *Para dar fim ao Juízo*. In: *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.153.

⁹⁶ DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Trad. Luís B. L. Orlandi.- Campinas: Papyrus, 1991.p33.

Conjurar a Vergonha

Levi afirma que após a libertação, o sentimento que prevalecia entre os sobreviventes era o de vergonha, de uma espécie de culpa, um sentimento confuso de não ter feito nada ou não ter feito o suficiente para melhorar a situação dos companheiros de desventura, ainda mais, porque, como foi expresso anteriormente, morreram “os melhores”, os que recusaram a lógica do aparelho nazista e que, por isso, sucumbiram.

(...) Qual culpa? Depois de tudo, emergia a consciência de não ter feito nada, ou de não ter feito o suficiente, contra o sistema no qual fomos absorvidos. Da falta de resistência nos Lager, ou melhor, em alguns Lager, se falou demais e com demasiada superficialidade, sobretudo por parte de quem tinha outros tipos de culpa para dar conta. Quem passou pela prova sabe que existiam situações, coletivas e pessoais, nas quais uma resistência ativa era possível; e outras, muito mais frequentes, não o eram. Sabe-se que, especialmente em 1941, caíram em mãos alemãs milhões de prisioneiros militares soviéticos. Eram jovens, em sua maioria bem nutridos e robustos, tinham uma preparação militar e política... raramente resistiam. A desnutrição, a privação e os sofrimentos físicos, que é tão fácil e econômico provocar e em que os nazistas eram mestres, são rapidamente destrutivos e, antes de destruir, paralisam; ainda mais quando são precedidos por anos de segregação, humilhação, maus-tratos, migrações forçadas, dilaceramento dos laços familiares, rupturas dos contatos com o resto do mundo. (...) ⁹⁷

A questão é que o nazismo, naquela atmosfera prescrita da violência, do sofrimento físico e psíquico que os nazistas eram hábeis em colocar em funcionamento, acabava por manchar a todos, fazendo de cada prisioneiro um algoz do próprio companheiro de desventura:

(...) Suportáramos a sujeira, a promiscuidade e a destituição, sofrendo com elas muito menos do que sofreríamos na vida normal, porque nosso metro moral havia mudado. Além disso, todos roubáramos: na cozinha, na fábrica, no campo, roubáramos ‘dos outros’ [grifos do autor], da contraparte, mas era furto do mesmo modo; alguns [poucos]

⁹⁷ LEVI, Primo. *Op.cit.* p.43.

se rebaixaram até o ponto de roubar o pão do próprio companheiro.
(...)⁹⁸

Pois bem, tais situações não justificam o sentimento de culpa, mas o produzem e incitam tal sentimento, mostrando que cada sobrevivente experimentou de uma maneira distinta, vergonha e culpa.

E justamente por ser maculado pelo nazismo é que surge a escrita como uma forma de conjurar a vergonha e responder contra as formas majoritárias do pensamento que lhes conduziam numa luta desenfreada de todos contra todos. Assim, todos, ou quase todos roubavam ou escondiam para não serem roubados, tanto alimentos como água:

(...) O canto do depósito que me fora confiado pelo Kapo para que desentulhasse era contíguo a um amplo local ocupado por apetrechos químicos em curso de instalação, mas já danificados pelas bombas. Ao longo da parede, vertical, havia um cano de duas polegadas, que terminava com uma torneira pouco acima do pavimento. Uma tubulação de água? Experimentei abrir a torneira, estava só, ninguém me via. Estava emperrada, mas, usando uma pedra como martelo, consegui deslocá-la alguns milímetros. Saíram algumas gotas, não tinha cheiro, recolhi-as nos dedos: parecia mesmo água. Não tinha recipiente; as gotas pingavam lentas, sem pressão: a tubulação devia estar cheia somente até somente a metade, talvez menos. Estirei-me por terra com a boca debaixo da torneira, sem tentar abri-la mais: era uma água aquecida pelo sol, insípida, talvez destilada ou de condensação; de qualquer modo uma delícia.

Quanta água pode conter um cano de duas polegadas, com uma altura de um metro ou dois? Um litro, talvez nem isso. Podia bebê-la toda imediatamente, seria o caminho mais seguro. Ou deixar um pouco para o dia seguinte. Ou dividi-la meio a meio com Alberto. Ou revelar o segredo a toda equipe.

Escolhi a terceira alternativa, aquela do egoísmo estendido a quem lhe está mais vizinho, que um amigo meu num tempo distante chamou apropriadamente de “nós-ismo” [grifos do autor]. Bebemos toda aquela água, a pequenos sorvos avaros, alternando-nos sob a torneira, só nós dois. Em segredo; mas na marcha de volta para o campo me vi

⁹⁸ LEVI, Primo. *Op.cit.* p.42.

ao lado de Daniele, todo cinza de pó de cimento, com os lábios rachados e os olhos luzidios, e me senti culpado. (...) ⁹⁹

Essas experiências indubitavelmente produziam a culpa de ter sobrevivido no lugar de outros, resultado desse “nós-ismo” ou ainda “eu-ismo” arraigado, como aquele que Levi testemunhou na resposta à pergunta “como sobrevivi Auschwitz?” dada por uma médica, companheira de infelicidade:

(...) Meu principio é: em primeiro lugar eu, em segundo e em terceiro estou eu. Depois mais nada. Então eu de novo; e depois, todos os outros. (...) ¹⁰⁰

A humilhação sentida posterior à libertação dos campos era proporcionada pelos pactos que cada um dos sobreviventes estabeleceu com Auschwitz, de ter compactuado com ele, de ser corrompido por ele, sentimento este que já aflorava bem antes:

(...) Nos pouquíssimos domingos de repouso, nos minutos fugazes antes de cair no sono, durante a fúria dos bombardeios aéreos, mas eram saídas dolorosas, justamente porque nos davam oportunidade de medir, de fora, nossa diminuição. (...) ¹⁰¹

E dessa vergonha, desses escombros, dessas vozes que foram esmagadas, desse combate cotidiano é que resulta uma “escrita de si” co-extensiva a um povo minoritário, de quem viu coisas grandes demais, irrespiráveis, para um corpo frágil acometido de todos os sintomas dessas batalhas.

Tal escrita compreende a manifestação de uma vida, imanência dotada de uma vibratibilidade que circunscreve o corpo. Trata-se efetivamente de um corpo escrito e historiado, numa expressão de De Certeau ¹⁰², ou seja, um corpo cravado de história que não consegue fugir à natureza afetante que o atingiu para sempre, transformando-o nesse corpo escrito pela luta.

Daí resulta o compromisso de Levi de escrever como resistência às formas mesquinhas a que a vida tinha se reduzido por meio da comunicação dos afetos tristes imposto pelo nazismo.

⁹⁹ LEVI, Primo. *Op.cit.* p.45.

¹⁰⁰LEVI, Primo. *Op.cit.* p.44.

¹⁰¹LEVI, Primo. *Op.cit.* p42.

¹⁰²DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2000.

(...) Ora, ao “escrever daria a sopa de hoje para poder lembrar até o fim” [grifos do autor], não mentia e não exagerava. Teria dado verdadeiramente pão e sopa, ou seja, sangue, para salvar do nada aquelas recordações, que hoje, com o apoio seguro do papel impresso, posso reavivar quando quero e de modo gratuito, e que por isso parecem valer pouco.

Lá, naquele momento, valiam muito. Permitiam-me restabelecer uma ligação com o passado, salvando-o do esquecimento... Convenciam-me de que a mente, apesar de premiada pelas necessidades cotidianas, não tinha deixado de funcionar. Promoviam aos meus olhos e aos olhos do meu interlocutor. Concediam-me um descanso efêmero, mas não embotado; ao contrário, libertador e diferencial: um modo, em suma, de reencontrar a mim mesmo (...)¹⁰³

Em plena atmosfera dos Lagers, Levi criou uma escrita comprometida com o esse mundo, forjada sob um compromisso ético, compromisso crítico capaz de denunciar o que resta à vida humana na sua mais íntima redução, a vida que se reduziu “a uma vergonha de ser homem”. Trata-se da vergonha de ter feito concessões para sobreviver. Trata-se da vergonha de sobreviver quando pessoas “muito melhores morreram” simplesmente porque se recusaram a fazer tais concessões.

(...) Você tem vergonha por estar vivo no lugar de um outro? E, particularmente, de um homem mais generoso, mais sensível, mais sábio, mais útil, mais digno de viver. É impossível evitar isso: você se examina, repassa todas as suas recordações, esperando encontrá-las todas, e que nenhuma delas se tenha mascarado ou travestido; não, você não vê transgressões evidentes, não defraudou ninguém, não espancou (mas teria força para tanto?), não aceitou encargos (mas não lhe ofereceram...), não roubou o pão de ninguém; no entanto é impossível evitar. É só uma suposição ou, antes, a sombra de uma suspeita: a cada qual seja o Caim do seu irmão e cada um de nós (...) tenha defraudado seu próximo, vivendo em lugar dele. É uma suposição, mas corrói; penetrou profundamente, como um carcoma; de fora não se vê, mas corrói e grita (...)¹⁰⁴

Essa terrível constatação o obriga a escrever por esse povo minoritário, como o povo que falta, para dar visibilidade ao ruidoso barulho das relações de poder tecidas

¹⁰³LEVI, Primo. *Op.cit.* p.84.

¹⁰⁴LEVI, Primo. *Op.cit.* p.46.

nos campos de concentração nazista e nos colocar à espreita contra os fascismos que eventualmente possa surgir no futuro.

É daí que procede, em sua narrativa, a coragem de falar francamente sobre a coragem que faltou e que deu origem à vergonha insuportável de ser homem. A coragem de denunciar aquilo que o arquivo vivo de seu corpo armazenou de uma forma particular, contra todo artifício que busca refúgio no esquecimento. Daí essa guerrilha consigo mesmo, cujo sangue de sua existência é convertido em escrita.

(...) Nós tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram [...] Falamos nós em lugar deles, por delegação [...] Eu não sabia dizer se o fizemos, ou fazemos por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos ou, então, para nos livrar de sua memória: com certeza por impulso forte e duradouro (...)¹⁰⁵

Dessa guerrilha consigo mesmo na Zona Cinzenta, cuja condição de coisa a que foram reduzidos os homens, Levi extrai uma potência contestadora pois:

(...) demonstrava que o homem, o gênero humano, nós, em suma, somos potencialmente capazes de construir uma quantidade infinita de dor, e que a dor é a única força que se cria do nada, sem custo e sem cansaço. Basta não ver, não ouvir, não fazer (...)¹⁰⁶

Levi não era escritor nem pensador, no sentido que se confere à filosofia. A condição de intelectual, como ele próprio afirma, é resultado das circunstâncias, de ter sido afetado pelos dispositivos disciplinares desses campos de concentração, de ter visto e vivido coisas grandes demais, irrespiráveis que exigem a escritura como saúde¹⁰⁷. Não há opção aqui.

(...) Escrever é também tornar-se outra coisa que não escritor. Aos que lhe perguntam em que consiste a escrita, Virgínia Woolf responde: quem fala de escrever? O escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa (...)¹⁰⁸

¹⁰⁵LEVI, Primo. *Op.cit.* p.48.

¹⁰⁶LEVI, Primo. *Op.cit.* p.49.

¹⁰⁷ Ao contrário da gorda saúde dominante, Deleuze fala de uma saúde presente na literatura e na arte, que tem a função de libertar a vida onde ela havia se tornada prisioneira. DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

¹⁰⁸DELEUZE, Gilles. *Op.cit.* 16.

Os “Afogados e os Sobreviventes” desenha um sombrio diagnóstico do universo concentracionário: como, apesar de não serem todos responsáveis pelo nazismo, todos, especialmente os sobreviventes, compactuaram com as formas sutis de controle, escondendo pão ou água, por exemplo. Esse universo próprio, com uma dinâmica própria, manchava a todos, ao expô-los ao nível mais baixo de degradação humana¹⁰⁹.

O peso da vergonha adquire uma conotação forte de dominação expresso no efeito de consenso e submissão de grande parte dos prisioneiros. Isso não significa ausência de resistência, até mesmo porque a escrita também é uma forma de luta, que tem a capacidade de atravessar o deserto de idéias frágeis, de ideologias desgastadas em busca de um mundo respirável. Ainda que os fascismos criem as mais variadas formas de sufocamento, a resistência resiste: sempre existirão pessoas que conseguem driblar, dobrar, escorregar pelo sistema e afirmar um mundo.

Reproduzia-se assim, dentro dos Lager, numa escala menor, mas com características ampliadas, a estrutura hierárquica do Estado Totalitário, no qual todo o poder emana do alto e um controle de baixo para cima é quase impossível. Mas esse ‘quase’ é importante: jamais existiu um Estado que foi totalmente ‘totalitário’ sob esse aspecto. Uma forma qualquer de reação, um corretivo ao arbítrio total, jamais deixou de haver, nem no Terceiro Reich nem na União Soviética de Stalin: num como noutro caso serviram de freio, em maior ou menor medida, a opinião pública, o sentimento de humanidade e justiça que dez ou vinte anos de tirania não conseguem eliminar.¹¹⁰

O que Levi chamou de zona cinzenta não conseguiu, todavia, eliminar a vontade de potência dos prisioneiros, ou seja, mesmo em meio aos afetos tristes de toda sorte, gestos de uma afirmação de existências se chocavam com o poder e entravam em um novo devir: se Levi não fosse afetado pelas forças do fora do regime totalitário teria

¹⁰⁹ Essa questão da mancha, da contaminação do ideal vigente e majoritário, não foi uma exclusividade do nazismo, Levi chega a dizer que tal prática era muito comum na Máfia italiana, a grande questão é que os movimentos totalitários aperfeiçoaram a um nível mais amplo de envolvimento. Nesse aspecto, o totalitarismo soviético também deu mostras dessa mesma estratégia, um exemplo disso pode ser notado no romance “A Insustentável Leveza do Ser”, de Milan Kundera, na qual um dos personagens centrais Thomas, se vê preso em um grande dilema: entre se tornar um dos cirurgiões titulares de um grande hospital ou ser expulso do país, caso não se retrate pelo que escreveu sobre o governo militar russo na ocupação da Boêmia. O peso da vergonha o faz recusar a proposta do hospital. Ver: KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. Trad. Tereza B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Record/Itatiaia, 1983.

¹¹⁰ LEVI, Primo. *Op.cit.* p.24.

havido a transformação do químico Levi em escritor? E até que ponto ele é escritor? O que é ser escritor? Deleuze nos diz algo muito importante a esse respeito:

(...) O mundo é o conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha uma saúde de ferro... mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossível. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com olhos vermelhos, com tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda a parte onde ela esteja aprisionada pelo homem e no homem...? A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo. Não se escreve com suas próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletivas de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e renegações (...)¹¹¹

“Os Afogados e os Sobreviventes” adquire, nesse sentido, o estatuto de saúde que confere ao autor a capacidade de suportar o mundo dos afetos tristes lançados pelo pensamento totalitário. Escrever passa a ser nutrir-se de suas próprias lembranças de modo a diagnosticar o que está acontecendo com nós mesmos, falando por um povo que falta, silenciado, esmagado, afogado pelo aparelho nazista, operando essa inflexão entre a escrita e a vida como antevista por Kafka:

(...) Aquele que, durante a sua vida, não atinge o fim da vida, precisa de mão que afaste um tanto o desespero que lhe provoca o seu destino – apenas muito imperfeitamente o consegue – e com a outra mão pode anotar o que descobre em baixo dos escombros, pois vê mais do que os outros, está, portanto morto no curso de sua existência e é essencialmente o sobrevivente. Isto, bem compreendido, sob a condição de não utilizar as duas mãos a um só tempo e de mais coisas senão as que dispõem para luta contra a angústia. (...)¹¹²

¹¹¹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34 1992, p.14.

¹¹² KAFKA, Franz. *Diários*. Trad. Torrieri Guimarães. Livraria Exposição do Livro: São Paulo, p.446.

Ao mesmo tempo em que escreve “Os Afogados e os Sobreviventes” a outra mão retira dos escombros o que restou do desastre nazista, tentando afastar a angústia, o desespero, dos afetos tristes e as ressonâncias fascistas que persistem.

Capítulo 3: Uma vida indigna de ser vivida

As situações extremas vividas nos campos de concentração nazista colocaram em cena as relações violentas a que uma vida pode ser submetida, controlada, organizada mediante a busca de um purismo da raça e o direito de se exterminar um povo.

Levi, ao descrever a situação de violência e o jogo de concessões e astúcias aos quais foram submetidos, traz para a atualidade a inquietação sobre as formas de aprisionamento da vida e da possibilidade de relegá-la a meras funções fisiológicas que garantem a sua conservação.

(...) A vida abdica de sua vitalidade e da sua vivacidade em favor de sua conservação, a vida se assemelha à morte e a morte contamina o vivo. (...) ¹¹³

A situação descrita dos muçulmanos dos campos de concentração revela que o que se buscava era produzir e conservar uma vida contaminada pela morte, uma vida destituída de sua vitalidade, sua vivacidade, enfim de sua potência e, talvez, seja essa força de conservação o principal motivo pela qual a maioria desses muçulmanos não se suicidava.

A vida no cotidiano de Auschwitz era alvo de constantes experimentos de violência criados no âmbito de uma decisão soberana de fazer viver e deixar morrer (na medida em que se faziam viver todos os alemães e deixavam morrer os judeus) buscando uma limpeza racial que se justificava na idéia de um inimigo de fácil identificação.

(...) Para ser mais eficaz, esse processo também deve dirigir-se contra um inimigo facilmente identificável (daí a necessidade do porte da estrela amarela, pois a raça nem sempre se deixa diagnosticar à primeira vista!) e, igualmente, suficientemente numeroso para que seu aniquilamento se possa transformar numa verdadeira indústria, gerar

¹¹³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Após Auschwitz*. In: *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Márcio Seligmann - Silva (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p.97.

ofícios, empregos, hierarquias, fábricas e usinas, enfim, assegurar um longo empreendimento de destruição renovada dos outros (...).¹¹⁴

Curiosamente essa forma de aniquilamento e rebaixamento da vida, apesar de distante no tempo e no espaço, ainda se conserva no mundo contemporâneo e a decisão soberana de fazer viver e deixar morrer permanece ainda atual. Veja os exemplos dos hospitais onde o paciente:

(...) deixa de ter direitos sobre o próprio corpo e se vê separado, de modo abrupto, da vida que dia-a-dia, construía e reconstruía a sua identidade. Em diversas alas do hospital, a ausência de rostos, paisagens e objetos acentua a perda de referências e o sentimento de abandono. Nas UTIs, este aspecto ganha contornos mais graves. Nestes locais, os pacientes deitados em seus leitos parecem diminutos diante de toda a aparelhagem à qual seus corpos estão ligados. (...) ¹¹⁵

As situações descritas por Bernuzzi Sant'anna nos ajudam a pensar como que o estatuto da vida e do corpo que era, talvez, a expressão mais material de nossa existência, são gradativamente tirados de nós mesmos, controlados por agentes exteriores a nós, gerando por vezes um sentimento de impotência.

Nesse mesmo sentido a autora traz dois casos interessantes: o primeiro trata do prisioneiro francês Janel Daoud que, para chamar a atenção para o seu processo, decepa um de seus dedos e tenta enviá-lo para a imprensa. Antes que o dedo chegasse às mãos da imprensa ele foi apreendido pelas autoridades da prisão, alegando que aquele dedo já não era mais dele, pois não era um objeto qualquer que o prisioneiro tem que reaver. O segundo refere-se ao cidadão norte-americano John Moore que, tendo descoberto que suas células consideradas raras haviam sido patenteadas por uma indústria farmacêutica, levou a situação aos tribunais norte-americanos e, após uma vitória provisória sob a alegação de que um homem possui o direito sobre tudo o que seu corpo produz, acabou perdendo a posse de suas células quando, em última instância, a Corte Suprema da Califórnia, em 1990, nega tal direito¹¹⁶.

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.31.

¹¹⁶ SANT'ANA, Denise Bernuzzi de. *Op.cit.*

A exemplo desses casos citados por Bernuzzi Sant'anna trataremos de dois outros bastante conhecidos, um retirado da ficção, o filme “Mar Adentro”¹¹⁷ dirigido por Alejandro Amenábar e o caso real de Terry Schiavo.

“Mar Adentro”, filme baseado em fatos reais, mas aqui tratado exclusivamente como peça de ficção, narra a história de um marinheiro que se tornou tetraplégico após o mergulho de um despenhadeiro, quando as águas do mar retornavam. Contra todas as expectativas, foi salvo.

O personagem Ramon, vivido pelo ator espanhol Javier Bardem, mediante profunda reflexão e exame, do que foi a sua vida, do que foi para ele viver, de qual era o sentido potente, de quais os critérios o auxiliariam a avaliar se a sua vida nessas condições ainda seria, em última instância, uma vida, chega à difícil conclusão de que ele não mais vivia.

Esse “não vivia” diz respeito à forma de vida qualificada (bíos). Quando o controle de si e de seu corpo já não dependia dele, restava à impotência, a fragilidade máxima de ter um corpo que já não era mais seu corpo, sobre o qual as decisões não eram mais suas decisões, submetido que ficou ao julgamento de outras pessoas que supostamente sabiam o que, agora, era melhor para ele.

Sua vida era cotidianamente vivida como “zoé”, reduzida à fisiologia, à exceção da atividade de escritor na qual reside e resiste uma potência singular: a de denunciar o rebaixamento a que havia se tornado a própria existência.

Essa constatação amarga lança-o num desejo de morte, de suicídio que a sua condição atual de tetraplégico lhe impossibilitava realizar, ao que dá início a uma briga judiciária por seu direito de morrer, negadas repetidas vezes, apesar de toda a esfera de argumentação de si por si mesmo.

O importante a notar é que diante do direito de vida, ele luta contrariamente por um direito de morte, politizando-a. Assim, o biopoder que gerencia e otimiza a vida e fundamenta as instituições filantrópicas de amparo, de cuidado, de assistência criadas pelo Estado e pelas ONG's para o seu exercício, se vê ameaçado por uma situação que o esburaca, que o fragiliza naquilo que poderia fazer viver e deixar morrer, como havia notado Foucault.

¹¹⁷ *MAR ADENTRO*. 2004. Direção: Alejandro Amenábar. No elenco: Javier Bardem, Belén Rueda, Lola Dueñas, Mabel Rivera, Celso Bugallo. Duração: 125 min.

Além disso, há algo fundamental nesse personagem: ele escapa a todo e qualquer julgamento e, à maneira de Deleuze, rompe com a visão humanitarista de direito de vida inerente ao direito do cidadão suportada pela crença religiosa na vida como concessão divina, competindo somente a Deus o direito de subtraí-la. O singular personagem consegue escapar à máquina binária do certo/errado que tais visões pressupõem.

Não se trata de uma apologia da morte, mas sim de luta contra “a não-vida”, ou seja, contra o rebaixamento que a vida pode atingir ao se tornar “vida nua”. O que era “seu” corpo não lhe pertence mais, antes pertence à família, à sociedade dos plenos direitos, numa terminologia de Passetti, e à Igreja. Seu esforço é reavê-lo.

O filme transcorre em torno dessa discussão jurídico-religiosa até que o personagem encontra aquilo que pode ser lido como o seu fora: uma mulher pobre, moradora do subúrbio, funcionária eventual de uma emissora de rádio que, após muitas reticências, decide-se, num gesto apaixonado, a traçar a linha de fuga contra parte da família (pai e irmão mais velho), contra o sistema judiciário, contra a Igreja, organizando e executando, após um discurso sóbrio, o desejado suicídio.

O segundo caso emblemático de disputas judiciárias bastantes polêmicas em torno da vida e da morte, recente e não ficcional, é o de Terry Schiavo. Novamente nos encontramos em face do biopoder levado ao extremo no que controla e gerencia a vida a qualquer custo.

(...) A americana Terri Schiavo, 41, que vivia em estado vegetativo havia 15 anos, morreu nesta quinta-feira no hospital Pinellas Park (Flórida) após longa batalha judicial entre seu marido, Michael Schiavo, e sua família. O tubo que alimentava Terri foi retirado no último dia 18. [...] Há 15 anos, o cérebro de Terri sofreu graves danos porque seu coração parou de bater por alguns minutos -- provavelmente devido a uma parada cardíaca causada por deficiência de potássio.¹¹⁸

Segundo a Folha on-line, Terry Schiavo passou 15 anos vivendo em estado vegetativo, ligada, através de tubos, a máquinas que lhe garantiam alimentação, respiração e demais funções fisiológicas. Eis uma “vida nua”, despossuída de seu próprio corpo, assim como sucedeu ao Ramon de “Mar Adentro”, mas, ao contrário

¹¹⁸www1.folha.uol.com.br/folha/.../ult94u82109.shtml

deste, perdera também a capacidade do discurso para falar em seu próprio nome e reivindicar (já que não decide) um destino para si, seu corpo e sua vida.

No caso de Terry Schiavo, o conflito que se traduzia pelo poder de fazer morrer ou deixar viver, dividiu as partes litigantes em dois pontos de vista: o do marido de Terry, Michael Schiavo que mantinha a guarda legal da esposa e defendia a eutanásia e a dos pais de Terry, Bob e Mary Schindler que defendiam que sua filha continuasse vivendo através dos tubos.

Enquanto Michael Schiavo, o marido, invocava

(...) que a mulher dissera repetidas vezes – antes de entrar em estado vegetativo – que não gostaria que sua vida fosse mantida artificialmente. Além disso, ele defende a posição dos médicos que dizem que o estado de saúde de Terri – vegetativo persistente – era irreversível. (...) ¹¹⁹

Os pais

(...) afirmavam que ela teria um estado menos grave de dano cerebral, denominado "estado de consciência mínima, "e defenderam sua sobrevivência até a noite desta quarta-feira, quando apelaram pela última vez à Suprema Corte americana, que rejeitou (...) ¹²⁰

O caso de Terry Schiavo é um exemplo extremo da cômoda penetração do biopoder na vida do mundo contemporâneo, produzindo em meio a essa disputa judiciária, religiosa e científica, outras e novas categorias muito além da vida e da morte, como as idéias de “estado vegetativo”, “estado vegetativo persistente”, “coma”, “vida artificial” etc. E o discurso que permeia essa disputa pelo poder de fazer morrer ou deixar viver é pleno de implicações religiosas e repercussões nos direitos civis.

(...) Durante a audiência, David Gibbs, advogado dos pais, disse que forçar a morte de Schiavo por fome e desidratação seria “um pecado mortal” [grifos do autor] diante da fé católica dela.

É uma completa violação dos direitos dela e da liberdade religiosa dela, forçá-la a uma posição de recusar nutrição, afirmou Gibbs ao juiz.

¹¹⁹ *idem*

¹²⁰ *idem*

George Felos, um dos advogados do marido dela, Michael Schiavo, disse ao juiz que o caso foi tratado de uma forma cuidadosa pelas cortes estaduais e que forçar uma mulher de 41 anos, com graves problemas no cérebro, a resistir a mais uma reinserção de tubo violaria seus direitos civis. (...) ¹²¹

Seja a disputa religiosa em torno da negação de nutrição, de “negar o pão ao próximo” como acusava o advogado dos pais David Gibbs, seja a que interpretava a retirada do sistema artificial como violação de direitos civis, uma questão importante se instaura: a vida entrou no jogo discursivo desapossando quem dela é realmente sua portadora.

Os dois casos, tanto do personagem Ramon no filme “Mar Adentro” que luta pelo direito de morrer, quanto o de Terry Schiavo ressoam essa distinção feita por Agamben entre aquilo que ele chamou de vida nua (zoé) comum a todo ser vivente inclusive plantas e animais e a vida qualificada, um estilo de vida própria do homem, conduzida por ele mesmo (bíos).

O que se percebe é uma constante passagem do bíos ao zoé e, apesar da distância espaço-temporal mantida com o muçulmano descrito por Levi, coincide em todos os casos essa expressão do biopoder que adquire uma nova sutileza da violência, pois o que vê é um desapossamento do corpo, da vida e, principalmente, do poder de decidir sobre o que pode ou vai ser feito do próprio corpo.

Em todos os casos, tanto no do muçulmano descrito por Levi, como nos aqui relatados de Terry Schiavo e de Ramon, o que se percebe é o biopoder lhes obrigando a uma sobrevivência que, em última instância, é decidida por outros: o muçulmano não tinha tempo para pensar em suicídio; Terry não tinha o poder de enunciar seu próprio discurso dado o “estado vegetativo”, e Ramon que, apesar da competência discursiva, foi submetido a uma decisão de tribunal de viver contra a sua própria vontade e por isso organiza o seu cerimonial de morte e lança a sua despedida da vida.

(...) Só o tempo que passou, contra a minha vontade, durante a maior parte da vida será a partir de agora o meu aliado. Só o tempo e a evolução das consciências, decidirão algum dia, se o meu pedido era razoável ou não (...) ¹²².

¹²¹ *idem*

¹²² Fala do personagem Ramon antes de seu suicídio.

Esses exemplos são pertinentes porque expõem a vida no que ela é perpassada por discursos diversos como o jurídico, o político, o religioso e o científico todos em torno da vida e da morte. “Mar Adentro” insiste na defesa de uma vida plena (bíos) e não guarda nenhum ressentimento conservacionista de sobrevivida – condição que atenderia somente as suas funções fisiológicas(zoé) –, como bem traduz o poema final que Ramon escreve para a sua amiga advogada. Ali, ele se despede da vida abençoando-a, ao invés de se apaixonar por ela ¹²³.

(...) Mar adentro, mar adentro./E na beleza do fundo, /Onde os sonhos se cumprem, / Juntando-se as vontades para realizar um desejo, / o seu olhar e o meu olhar, / como um eco repetindo, /Sem palavras/mais para dentro, /mais para dentro, /para lá de tudo, /para lá do sangue e dos ossos. /Mas desperto sempre. /E sempre quero estar morto, /para manter a minha boca, /enredada nos seus cabelos. (...) ¹²⁴

O curioso do surgimento da idéia de uma vida indigna de ser vivida é que ela se deu em meio ao processo de ascensão dos movimentos totalitários na Europa e do exercício de um poder soberano que justificará a eutanásia, mesmo em face da impopularidade que gozava na época.

(...) Não resta outra explicação além daquela segundo a qual, sob a aparência de um problema humanitário, no programa estivesse a questão o exercício, no horizonte da nova vocação biopolítica do estado nacional-socialista, do poder soberano de decidir sobre a vida nua. A “vida indigna” de ser vivida não é, com toda evidência, um conceito ético, que concerne às expectativas e legítimos desejos do indivíduo: é, sobretudo, um conceito político, no qual está em questão a extrema metamorfose da vida matável e insacrificável do homo sacer, sobre a qual se baseia o poder soberano. Se a eutanásia se presta a esta troca, isto ocorre porque nela um homem encontra-se na situação de dever separar em um outro homem a zoé do bios e de isolar nele algo como uma vida nua, uma vida matável. Mas, na perspectiva da biopolítica moderna, ela se coloca sobretudo na

¹²³ Ver: ZOURABICHIVILI, François. *Sobre a sentença de Nietzsche: É preciso deixar a vida a vida tal como Ulisses a Nausícaa, antes abençoando-a do que apaixonando por ela*. In: *Nietzsche e os Gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche*. Ângela Maria Souza Martins... [et. al.] Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006.

¹²⁴ Esse é o último texto, uma carta de Ramon a sua amiga advogada que também tinha doença degenerativa e que lutava para conseguir legalmente a sua morte, o que não conseguiu judicialmente, sendo só possível com a ajuda de Rosa e outros amigos, deixando um vídeo para inocentar os colaboradores.

intersecção entre decisão soberana sobre a vida matável e tarefa assumida de zelar pelo corpo biológico da nação, e assinala o ponto em que a biopolítica converte-se necessariamente em tanatopolítica.¹²⁵

Essa tanatopolítica se consolida então, segundo Agamben, nesse entrelaçamento do poder soberano de decidir qual vida é “indigna de ser vivida” com a lei de regularização da eutanásia. A partir de então, cria-se um sistema de julgamento que garante a prerrogativa de se decidir quem deve viver ou morrer, tanto ao nível de uma saúde individual do cidadão, mas, principalmente, ao nível de uma população.

Os casos do filme “Mar Adentro” e de Terry Schiavo, nos re-encaminham para uma questão já levantada anteriormente: quem decide sobre uma vida que não merece ser vivida? Em nome de que? E de quem? É justificável o aniquilamento de uma vida individual ou coletiva?

(...) O contexto contemporâneo reduz as formas-de-vida à vida nua, desde o que se faz com prisioneiros da Al Qaeda na base de Guantánamo, ou com a resistência na Palestina, ou com detentos nos presídios do Brasil há poucos anos atrás, até o que se perpetra nos experimentos biotecnológicos (...)¹²⁶

Assim, assiste-se à proliferação da “vida nua” produzida pelo biopoder contemporâneo que suscita debates, produz polêmicas e introduz-nos na procura de formas de resistência à redução da vida a vida nua ou a esse poder que tenta se apropriar a todo custo da vida, exigindo “uma forma de vida, um cuidado de si, um estilo, uma estética da existência¹²⁷,” que não deixa se submeter ao biopoder, conforme reflexão de Foucault nas suas últimas obras e cursos.

(...) Creio que este é o momento em que aquela famosa *epiméleia heautoú*, o cuidado de si, que aparecia no interior do princípio ou tema geral de que devemos nos propiciar uma *tékhne* (uma arte de viver), ocupou de certo modo todo o lugar definido pela *tékhne tou bíou*. O que os gregos procuravam nestas técnicas de vida, sob formas muito diferentes durante tantos séculos, desde o começo da idade clássica, a saber, a *tékhne tou bíou*, é agora, nesse gênero de pensamento, ocupada inteiramente pelo princípio de que é preciso cuidar de si, cuidar de si que é equiparar-se para uma série de acontecimentos

¹²⁵ AGAMBEN, Giorgio. *Op.cit.* pp.148-9.

¹²⁶ PELBART, Peter Pál. *Op.cit.* p.154.

¹²⁷ Aqui remeto ao conceito de estética da existência desenvolvida por Michel Foucault nos volumes II e III da História da Sexualidade. Ver: FOUCAULT, Michel. *Op.cit.*

imprevistos, em relação aos quais, porém serão praticados alguns exercícios que os atualizam como uma necessidade inevitável, em que serão despojados de tudo que possam ter de realidade imaginária, a fim de reduzi-los ao mínimo de sua existência. É nestes exercícios, é pelo jogo destes exercícios que se poderá ao longo de toda a vida, viver a existência como uma prova. (...) ¹²⁸

Diante do biopoder que tenta nos aprisionar em suas várias dimensões, Foucault sugere, a biotécnica, para qual o cuidado de si requeria um conjunto de procedimentos técnicos que nos trouxesse uma soberania de nós para nós mesmos e a vida como uma constante prova, de uma experimentação intensa e potente coerente com essa biotécnica.

(...) Isto significaria o seguinte: no mesmo domínio em que hoje incide a dominação biopolítica, isto é, a vida, reduzida a uma vida nua, trata-se de reencontrar aquela uma vida, tanto na sua beatitude quanto na capacidade nela embutida de fazer variar as suas formas, e de dar-se uma forma. (...) ¹²⁹

E, talvez, somente aí tenhamos a possibilidade de resistências inusitadas como a organização do próprio suicídio de Ramon, em “Mar Adentro”, contrariando um discurso hegemônico do sistema jurídico, da moral religiosa, e da família. Uma soberania sobre a própria vida, que se realiza na ficção, utilizando-se do próprio discurso e falando em seu próprio nome como arma contra os mecanismos que lhe obrigavam a uma vida nua. Não é este o caso de Terri Schiavo que, longe da ficção, permanece emblemático.

¹²⁸ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. - 2ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp.588-9.

¹²⁹ PELBART, Peter Pál. *Op.cit.* p. 155.

Considerações Finais

A partir de Primo Levi e sua escrita singular buscamos cartografar os focos de violências exercidas nos campos de concentração nazistas que deram visibilidade às manifestações do biopoder exercido num Estado de Exceção, bem como perceber as estratégias de sobrevivência nos campos de extermínio.

O jogo de astúcias e violências a que foram submetidos os prisioneiros gerou o sentimento de vergonha na maioria dos sobreviventes, inclusive Levi, na medida em que, para sobreviver, tiveram, de certa forma, de colaborar com o nazismo, lutando para conquistar qualquer privilégio e para manter esse privilégio que os afastava da morte, ainda que isso significasse ser manchado pelo nazismo.

O que nos suscita a obra de Primo Levi é a capacidade de ver, no mundo contemporâneo, que supostamente esconjurou definitivamente o nazismo e seus assemelhados, novas formas de fascismos que nos desapossam de nosso corpo, de nossa vida, de nosso pensamento, como o que vemos nos casos de muitos pacientes nos hospitais submetidos a políticas (biopolíticas) que igualmente os desapossam do próprio corpo e da vida.

Todas essas questões giram em torno da perda de soberania sobre nós mesmos, nossos atos, nossos pensamentos, nossas formas de nos situar no mundo. Parece então que os fascismos que os regimes totalitários criaram ainda permanecem atuais, uma vez que cenas de rebaixamento da vida dão mostras em diferentes partes do mundo onde a vida está constantemente sendo esvaziada de sentido potente (bíos) como nos casos mencionados anteriormente no capítulo três.

Assim a vida (bíos), no mundo contemporâneo, é transformada em vida nua (zoé), produzido por formas de violências sutis que nos impregnam com suas formas de pensar e de agir que por vezes tentam acabar com as nossas potências. Primo Levi, ao escrever sobre sua experiência de prisioneiro judeu nos Campos de Concentração nazista, queria estabelecer um elo, um afecto¹³⁰ entre a “geração dele” que viveu

¹³⁰ Aqui remeto a idéia de afetar e ser afetado numa terminologia que Deleuze retoma de Espinosa, na qual o afeto ele existe por si mesmo é um ser de sensação como, por exemplo, as obras de arte. Ver: DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Op.cit.* p. 213.

intensamente a experiência-limite de Auschwitz e a “geração atual” para qual tal acontecimento tenderia ao esquecimento.

Tratava-se, portanto, de lembrar, justamente para mostrar que o nazismo havia introduzido uma série de estratégias de rebaixamento da vida, manchando-os, comprometendo-os com os seus crimes, justamente para atenuar o impacto da violência perpetrada.

Os exercícios de biopoder contemporâneo aos quais estamos expostos, mesmo distantes dos campos de extermínio, parecem inventar uma nova forma de racismo, mais sofisticado e sutil, sustentado por parâmetros da cultura e não mais exclusivamente assumido do ponto de vista biológico.

(...) Com efeito, ouvimos incessantemente os políticos, a mídia e até mesmo os historiadores afirmarem que o racismo recuou progressivamente nas sociedades modernas, desde o fim da escravidão até os conflitos de descolonização e os movimentos pelos direitos civis. Certas práticas tradicionais e específicas do racismo entraram, sem dúvida alguma, em declínio e seríamos tentados a identificar no fim das leis do *apartheid* na África do Sul simbólica de toda uma época de segregação racial. No entanto em nossa perspectiva, é evidente que o racismo não recuou, mas ao contrário, de fato aumentou no mundo contemporâneo, tanto em extensão como em intensidade. Ele só parece ter declinado de forma e de estratégias.¹³¹

As novas formas violentas de racismo que não mais se baseiam numa justificativa biológica, mas sim cultural, mantêm um controle por segregação e não somente por hierarquia. As diversas culturas são então classificadas como a chinesa, a islâmica, a indiana etc., todas sempre referidas a um padrão ocidental do qual devem se aproximar, caso contrário, justifica-se o atraso, não por diferenças raciais e sim por práticas sócio-culturais adotadas.

(...) Por exemplo, os alunos afro-americanos de determinada região têm, nos testes de aptidão escolar, resultados em geral mais fracos do que os alunos de origem asiática. A teoria imperial não enxerga aí, o

¹³¹ Ver: HARDT, Michael. *Uma Sociedade Mundial do Controle*. In: Gilles Deleuze: *uma vida filosófica*. Eric Alliez (org.). São Paulo: Editora 34, 2000, p. 362.

resultado de uma inferioridade racial necessária, mas de diferenças culturais: a cultura dos americanos de origem asiática atribui à educação uma importância maior, encoraja os alunos a estudar em grupo, e assim por diante. A hierarquia entre diferenças de raça só é determinada “a posteriori” [grifo do autor], como efeito de suas culturas, ou seja, a partir de sua performance. (...).¹³²

As considerações de Hardt sobre o racismo cultural imperial, isto é, contemporâneo, é pertinente, pois estamos nos deparando com estratégias sutis de rebaixamento de um povo, relegando uma posição de inferioridade a partir de um padrão hegemônico de pensamento no qual todos devem se aproximar. Aqui, as diferenças de cor de pele só são levadas em conta a partir das práticas culturais desenvolvidas, justificando assim, os altos níveis de violência, os baixos níveis de ensino, a alta taxa de mortalidade infantil, e etc., em países do continente africano ou em bairros periféricos do continente americano. Nessas circunstâncias, Hardt argumenta que:

O império não pensa as diferenças em termos absolutos: jamais coloca as diferenças raciais como diferença de natureza, mas sempre como diferença de grau; ele jamais as coloca como necessárias, mas sempre como acidentais. A submissão é efetuada nos regimes de práticas cotidianas mais móveis e flexíveis (...).¹³³

Sob a perspectiva dita multiculturalista, autores como Samuel Huntington parece justificar os conflitos mais violentos entre o “Ocidente e os Outros” sustentando a idéia de um choque de civilizações, na qual os sistemas de valores, de idéias, de pensamento de um grupo são incompatíveis, e intransponíveis, com as de um grupo diferente. Aqui não se trata, portanto de aproximar de um grau de cultura padrão a ser seguida, mas sim rejeitá-las completamente.

(...) Choque de civilizações significa embate entre culturas distintas, cada uma com seus valores, instituições, traços étnico etc. A civilização ocidental é apenas uma, nem sequer majoritária, entre as várias outras existentes no mundo, embora ela se considere universal e pretenda impor-se a todas as outras. Além dela temos a civilização

¹³² HARDT, Michael. *Op.cit.*p.365.

¹³³ HARDT, Michael. *Op.cit.*p.366.

sínica (chinesa), a budista (japonesa), a hindu, a africana, a islâmica, a ortodoxa (russos e eslavos), e a sul-americana, espécie de sub-produto da ocidental. Ora, essas civilizações são muito diferentes entre si, num certo sentido incompatíveis, e toda geopolítica deveria contemplar essa rivalidade multicivilizacional e multipolar. (...) ¹³⁴

Aqui, o que se percebe é que apesar de admitir uma grande diversidade de culturas elas são tomadas como inconciliáveis sob vários aspectos, o que justifica, por exemplo, os conflitos violentos em torno da religião colocando em tensão a rivalidade entre islamismo e cristianismo.

(...) O problema subjacente para o Ocidente não é o fundamentalismo islâmico. É o Islã, uma civilização diferente, cujas pessoas estão convencidas da superioridade de sua cultura e obcecadas com a inferioridade de seu poderio. O problema para o Islã não é a CIA ou o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. É o Ocidente, uma civilização diferente cujas pessoas estão convencidas da universalidade da sua cultura e acreditam que seu poderio superior, mesmo que em declínio, lhes impõe a obrigação de estender sua cultura por todo o mundo. Esses são os ingredientes básicos que alimentam o conflito entre Islã e o Ocidente. (...) ¹³⁵

O que temos é apenas a troca substantiva da raça pela cultura que, no discurso da política multiculturalista ocidental e hegemônica, é um conjunto limitado, reificado de traços, conteúdos e valores inegociáveis. A política multiculturalista, por isso mesmo, na sua forma mais “civilizada” é a da tolerância entre as culturas, jamais da contaminação e do movimento de um em direção ao outro.

O fascismo da cultura é o resultado de uma hipervalorização da “integridade” da cultura, de um atavismo transcendente que impõe a muitas práticas culturais esse teor fascista de unidade, de identidade, que barra os fluxos de produção e orientação subjetiva, criando uma idéia de cultura dotada de uma espécie de essência, que impossibilita inclusive, negociações e trocas, como sugerem as teses de Huntington.

¹³⁴ PELBART, Peter Pál. *Vida Capital*. São Paulo. Iluminuras, 2004, p. 118.

¹³⁵ HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a Recomposição da ordem mundial*. Trad. M.H.C. Côrtez. São Paulo. Objetiva, 1997, p. 273.

Assim, vemos no mundo contemporâneo práticas culturais que sustentam em si, fascismos, fascismos que a escrita de Levi nos convida a conjurar, como uma luta constante contra os investimentos que nos lançam a “amar o poder” e submetendo os povos diferentes a um sistema de julgamento.

E aí o que vemos são formas de desqualificação de determinadas práticas culturais que se afastam de um modelo hegemônico padrão demonizando outros povos e exercendo uma grande violência simbólica, por exemplo, do Islã na França sobre a proibição ou não do uso de véu na escola, ou ainda a ameaça de queimar o Alcorão (livro sagrado do povo islâmico) no dia 11 de setembro de 2010 pelo pastor Terri Jones.

Mas não é preciso recorrer às situações limites expressas nos conflitos entre Ocidente e Islã. Em nível local e regional, vemos com frequência, a discriminação operada pelas políticas estaduais de cultura, projetando modelos que lhes convém. Guattari já alertava para esse reacionarismo da cultura, das práticas e das políticas culturais.

(...) É uma maneira de separar atividades semióticas. [atividades de orientação no mundo social e cósmico] em esferas, as quais os homens são remetidos. Tais atividades assim isoladas são padronizadas, instituídas, potencial ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização dominante - ou seja, simplesmente cortadas de suas realidades políticas (...)¹³⁶

Em nome da cultura, como havia apontado Guattari, somos separados de nossas atividades semióticas que nos arrastam para formas de aprisionamento cada vez mais sutis, fixando-nos em um lugar institucional de produção e proliferação, produzindo identidades estanques que entorpecem o diferir.

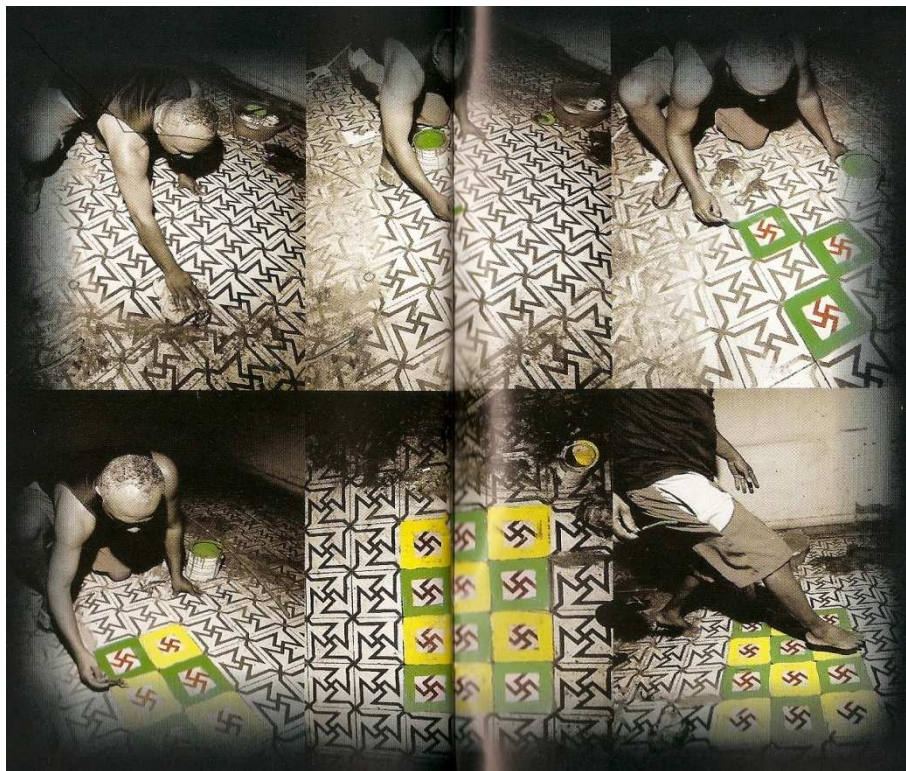
Num Estado como Mato Grosso que pretende manter, em nome da cultura regional, estreito controle sobre as práticas artísticas e culturais, é raro ouvir uma voz dissonante.

Alguns trabalhos do artista plástico Gervane de Paula auxilia-nos a pensar criticamente esse reacionarismo da cultura de estado, quebrando clichês largamente disseminados, esburacando o padrão hegemônico propondo uma dimensão dissidente,

¹³⁶ GUATTARI, Félix. e ROLNIK, Sueli. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis. Vozes: 1996, p.36.

transindividual, transcultural como havia proposto Guattari para que não sejamos afogados pelos modos de produção semióticas dominantes.

Quero concluir este trabalho com um olhar atento para uma de suas obras recentes, intitulada Ladrilho nazista.



(Gervane de Paula “Ladrilho nazista [interferência]”2005 Técnica mista
94 x 94 cm)

Trata-se do registro em fotografia, numa seqüência de quatro momentos, de uma intervenção realizada pelo artista em piso cerâmico (ladrilho hidráulico) de uma casa “cuiabana” abandonada.

No primeiro momento visualizamos o piso composto de figuras geométricas que em cerâmicas de uso corrente nas casas antigas de Cuiabá. Essas casas, que remetem a um passado colonial, caracterizam-se pelas paredes grossas em adobe ou taipa, pelas janelas de madeira e os pisos em ladrilho hidráulico. São conhecidas como “casas cuiabanas”. No segundo momento o artista inicia sua intervenção contornando e destacando, nos ladrilhos, aquilo que aparentemente era inocente e invisível: emerge a suástica nazista. No terceiro momento, o verde-amarelo que remete à pretensa

identidade brasileira é comprometido e imbricado à suástica, firmando o vínculo entre estado, identidade e fascismo. Por fim, o gesto que desmonta, ou melhor, que articula resistência aos fascismos, principalmente aos que estão mais próximos de nós e que não percebemos, se desenha no último momento.

Pisar o símbolo nazista, atravessá-lo, registra a recusa ao principal símbolo do aparelho de captura da alteridade (a suástica nazista), da diferença em sua manifestação potente contra uma forma autoritária de pensamento.

Ao que parece, os ladrilhos nazistas estão por aí, em lugares que menos esperamos. É preciso, em todas as circunstâncias da vida contemporânea, estar atento a eles e, como fez Primo Levi em seus textos, mas também como Gervane de Paula em sua obra plástica, é preciso demarcá-los, dar-lhes visibilidade, para então pisá-los, rechaçá-los, atravessá-los. É preciso sempre, resistir, criar novos elos contra as formas mesquinhas de pensamento, que ainda continuam latentes.

E contrariando justamente essa lógica há práticas que de certa forma desmontam essa codificação rígida que nos arregimenta e se torna ato de resistência, de rebeldia declarada, de tática de afirmação de singularidades que irrompem contra as formas autoritárias da cultura hegemônica e do pensamento majoritário.

A grande questão é então manter a nossa constante espreita contra os fascismos que nos rondam e que, porventura, ainda cultivamos quando negligenciamos a pluralidade e o processo de subjetivação que nos lançam a outras possibilidades de mundo.

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Homo Sacer: O poder Soberano e a Vida Nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ARENDRT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34 1992.

_____. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Trad. Luís B. L. Orlandi.- Campinas: Papyrus, 1991.

_____. e FOUCAULT, Michel. *Os Intelectuais e o Poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos. Vol. IV*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. e GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia? Percepto, Afecto, Conceito*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs: Esquizofrenia e Capitalismo, v. 2*. Trad. Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v. 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

EXPERY, Saint-Antoine. *Terra de Homens*. Trad. Rubem Alves. José Olímpio, Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. - 2ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Ditos e Escritos. Vol.II*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *História da Sexualidade, v.1: A vontade de Saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da Sexualidade: vol. II: Os usos dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da Sexualidade: vol. III: Os cuidados de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Nascimento da Biopolítica*. In: *Resumos dos Cursos do College de France (1970-1982)*. Trad. Andréia Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Introdução a uma vida não Fascista*. Prefácio a edição norte-americana do Anti-Édipo.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Após Auschwitz*. In: *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Márcio Seligmann-Silva (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

HARDT, Michael. *Uma Sociedade Mundial do Controle*. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Eric Alliez (org.). São Paulo: Editora 34, 2000.

HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a Recomposição da ordem mundial*. Trad. M.H.C. Côrtez. São Paulo: Objetiva, 1997.

GROS, Frédéric. *A Parrhesia em Foucault (1982-1984)*. In: *Foucault: a Coragem da Verdade*. Frédéric Gros (org.)". Trad. Marcos Marcionilo; prefácio de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: O Triunfo da Verdade*. São Paulo: Ática, 1990.

LEVI, Primo. *Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *É isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A Tabela Periódica*. Trad. Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

KAFKA, Franz. *Diários*. Trad. Torrieri Guimarães. Livraria Exposição do Livro: São Paulo.

_____. *Na Colônia Penal*. Trad. Modesto Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. Trad. Tereza B. Carvalho da Fonseca. - Rio de Janeiro: Record/Itatiaia, 1983.

PELBART, Peter Pál. *O Corpo, a vida, a morte*. In: *Kafka, Foucault: sem medos*. Edson Passetti (Coord.). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Para uma Vida não Fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (col. Estudos Foucaultianos).

SAID, W. Edward. *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

TCHECOF, Anton. *Angústia*. In: *Contos Russos*. Trad. e Seleção: Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Ronai. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

ZOURABICHIVILI, François. *Sobre a sentença de Nietzsche: É preciso deixar a vida a vida tal como Ulisses a Nausícaa, antes abençoando-a do que apaixonando por ela*. In: *Nietzsche e os Gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V*. Ângela Maria Souza Martins[et. al.] Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)